convergência

NOV — 1977 — ANO X — Nº 107

- **CATEQUESE E DESAFIOS DO MUNDO ATUAL**
  Pe. Roque Zimmermann, MSF — página 518
- **CATEQUESE NAS VÁRIAS FAIXAS ETÁRIAS**
  Ir. Natália Macari, FSP — página 530
- **CATEQUESE RURAL**
  Fr. Bernardino Leers, OFM — página 560

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar (ZC-06) — 20.000 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1977:

Brasil, taxa unica (via terrestre ou aérea) ...	Cr$ 150,00
Exterior: maritima	US$ 17,00
aérea	US$ 25,00
Número avulso	Cr$ 15,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20.000 Rio de Janeiro — RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luis, 100 — 25.600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:

"O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO". Dez anos vivendo isto. Dez anos de CONVERGÊNCIA. Coragem de caminhar e fazer caminhar. A partir da experiência e da vida. À luz da fé que alicerça nossa vida de Religiosos e lhe dá sentido. Procura e renovação que não cessam. Caminhar na Igreja e com a Igreja, de hoje e de sempre.

Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL **513**

INFORME DA CRB **515**

CATEQUESE E DESAFIOS DO MUNDO ATUAL, Pe. Roque Zimmermann, MSF **518**

CATEQUESE NAS VÁRIAS FAIXAS ETÁRIAS, Ir. Natália Macari, FSP **530**

CATEQUESE E MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, Fr. Renato Zanolla, OFM Cap **541**

VÁRIAS FORMAS DE FAZER CATEQUESE PELOS RELIGIOSOS, Martien Groetelaars **546**

CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA VISITAÇÃO, Ir. Maria Félicidade Martins **557**

CATEQUESE RURAL, Fr. Bernardino Leers, OFM **560**

LIVROS NOVOS para Você ler **574**

EDITORIAL

A XI Assembléia Geral Ordinária da CRB, realizada no Rio de Janeiro de 23 a 30 de julho de 1977, balizou os rumos por onde deverá caminhar a Vida Religiosa nos próximos três anos. As linhas de orientação, que a XI AGO determinou trazem no seu bojo, marcadamente, a conotação de um profundo espírito eclesial. Residem no binômio: **o espírito comunitário e a solidariedade com o povo.**

A partir da XI AGO, os Superiores Maiores tomaram globalmente consciência do imperativo de caminhar juntos, em nível de fraternidade, missão, ação e vida de comunhão com os pobres. Sentiram a necessidade de integrar os recursos humanos e materiais a serviço da grande comunidade de irmãos, nesta Igreja e neste País.

Face a este marco referencial, a CRB que tem por determinação estatutária a finalidade de promover e animar a Vida Religiosa no Brasil e coordenar as atividades que visem este objetivo, estriba sua programação religiosa de reflexão e formação nas prioridades emergentes das Assembléias Gerais Ordinárias.

A XI AGO votou as seguintes proposições: n.º 1: "Que a CRB incentive os Superiores Maiores a unificarem os esforços das Congregações que atuam na mesma área pastoral, impedindo a pulverização dos recursos, favorecendo a redistribuição e propiciando uma ação apostólica mais fecunda". N.º 2: "Que a CRB tome as medidas necessárias para a concretização do projeto da CNBB referente às regiões missionárias do Brasil, coordenando a participação das Congregações a partir das necessidades da Igreja, de modo a

dar testemunho de um espírito eclesial e apostólico".

Estas resoluções são decorrentes das conclusões da XV Assembléia Geral da CNBB, realizada em Itaici em fevereiro deste ano, onde houve uma tomada de consciência por parte do Episcopado brasileiro, da responsabilidade da Igreja em todo o território Nacional, visando de modo especial as áreas mais carentes.

A propósito, diz o texto sobre as regiões do Brasil das Conclusões da XV Assembléia Geral da CNBB: "Os religiosos continuam sua indispensável atuação evangelizadora nas regiões missionárias: Empenhando mais diretamente nas mesmas, ao lado das províncias religiosas estrangeiras, as províncias religiosas brasileiras das mesmas congregações; planejando e executando uma distribuição mais equitativa de suas forças em todo o País, sob a orientação da CNBB e CRB" (N.º 5).

A Diretoria Nacional da CRB, coadjuvada pelo Executivo, dedicou atenção ao assunto em pauta, na reunião ordinária de 27/09/77, para dar concretamente cumprimento às duas proposições acima mencionadas. Decidiu adotá-las como tema na Reunião Anual da Diretoria Nacional, Presidentes e Executivos Regionais, em fevereiro de 1978, juntamente com a Conferência dos Bispos do Brasil, quando estudará a melhor forma de um trabalho conjunto para a execução destas resoluções.

Como se pode constatar, no fundo trata-se da redistribuição dos religiosos. A viabilização destas medidas constituem doloroso desafio para as Congregações aqui implantadas.

Um primeiro passo a ser dado é fazer um trabalho junto às próprias Congregações, a fim de detectar as prioridades, as áreas mais carentes, para se obter um quadro geral da situação e do posicionamento dos religiosos em nossa Pátria. Este é um trabalho que a CRB irá ativar, proximamente, através das Regionais. Com este desempenho visa-se obter critérios claros para uma ocupação mais racionalizada dos religiosos, que vindos de fora, aqui desejam se estabelecer.

Ademais, cumpre criar consciência mais ampla em torno da questão da redistribuição. Para que o assunto não paire apenas nas esferas de decisão, é que CONVERGÊNCIA, como veículo de comunicação e participação procurou abordar aqui estas prioridades. Pois, afinal de contas, interessam a todos os religiosos. E, em última análise, são eles que sentirão o problema na própria carne, caso a execução destas resoluções emanadas das Assembléias Gerais da CNBB e CRB forem colocadas em prática, a curto ou a longo prazo.

Pe. Celso Sehn, MSF

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

LIDERANÇA E COMUNICAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA À LUZ DA PSICOLOGIA DO PROFUNDO

Em Itaici, de 2 a 7 de setembro de 1977, com a presença de 230 Religiosos de 90 Congregações (65 Femininas, 25 masculinas) realizou-se o curso de **Liderança e Comunicação na Vida Religiosa à Luz da Psicologia do Profundo**, dado pelo P. Luigi M. Rulla, em língua italiana. É o segundo curso dado pelo P. Rulla. Em 1976, foi o tema **Formação — Novas Prospectivas.**

Podemos dizer que o tema para este ano— Liderança e Comunicação — não teve o tempo suficiente para um aprofundamento razoável pelo conferencista. A maior parte do tempo, repetiu noções gerais dadas no ano passado, noções estas que dão a base de toda sua teoria. Isto justifica em parte devido aos novos participantes do Curso: 3/4 dos participantes.

P. Rulla partiu de uma breve análise da situação atual da Igreja após o Vaticano II, caracterizando alguns elementos para uma posterior análise ou terapia da liderança, especialmente sob o aspecto educativo-vocacional. É verdade que todo o apoio de sua análise, à luz da Psicologia do Profundo, já está em parte descrito na CONVERGÊNCIA de dezembro de 1976, nº 98, (Necessidades, Valores, Atitudes; Eficácia Apostólica; Internalização dos Valores. . .). Outrossim, dois livros do P. Rulla já foram traduzidos em português.

Algumas noções gerais de liderança, sua necessidade, interação e conseqüências na Vida Religiosa, foram dadas pelo P. Rulla que muito baseou sua teoria num paralelo com a Perfectae Caritatis, nº 14, com o Evangelho: Jesus Cristo, o servo, a imagem do Pastor.

Discorreu longamente sobre os cinco elementos que determinam a influência do líder numa Comunidade Religiosa: **a**) A personalidade do líder é caracterizada especialmente pelos seus valores, atitudes e necessidades. **b**) A personalidade de cada um dos outros membros do grupo, da comunidade. **c)** O grupo considerado sob o ponto de vista de seu "espírito". **d**) O grupo considerado sob o ponto de vista da estru-

tura das suas relações interpessoais. **e)** A situação ambiental determinada pela natureza e estrutura da organização, das pressões ideológicas e culturais, dos modos de comunicação, das condições materiais de vida...

Assinalou brevemente como Jesus Cristo viveu e passou sua influência: em Lc 4 (começou a fazer e depois a ensinar): a importância do exemplo do líder. Em São João a expressão METÂNOIA apela para uma feliz influência que vem da "conversão de toda a pessoa, a totalidade da pessoa". Interessante a rápida análise sobre os três tipos da comunicação não verbal que influenciam profundamente: **a)** A dupla mensagem (doubble bind). **b)** Transferência. **c)** Exageros na interpretação das Constiuições.

P. Rulla desceu mais profundamente nas **fontes de influência ou de poder** exercitadas pelo líder. São seis os tipos de influências: **a) Poder informativo** (depende do conteúdo. Socialmente independente). **b) Poder de recompensa** (socialmente dependente). **c)** A influência baseada no **poder de coersão** (socialmente dependente). **d)** A influência baseada no **poder de referência** (exercitado quando um súdito é gratificado na estima que tem de si mesmo como conseqüência de uma relação com o superior. Tem a força de atração, fascínio). **e)** A influência baseada no **poder de competência**, da perícia (é a credibilidade). **f)** E a influência baseada no **poder legítimo**. O poder legítimo é exercitado para desenvolver a Eficácia Apostólica e depende de todos os outros poderes: há uma grande **interdependência** entre os poderes). Alertou sobre a realidade da graça especial de Deus mas, que supõe a natureza, falível, transitória, instável.

Outros pontos versados pelo P. Rulla estavam em relação com a formação dos formadores: sua eficácia apostólica, internalização dos valores...

Avaliação

O que representou o curso a partir da avaliação dos participantes? Sobre o que mais ajudou o curso, as respostas foram no seguinte contexto: A **integração** do aspecto psicológico e teologal, a unidade entre ciência e espiritualidade, centradas na lei da Cruz. **A necessidade** de buscar maior conhecimento de si mesmo, do aprofundamento, do estudo, do conhecimento da realidade da pessoa humana, de uma revisão nos trabalhos que se realiza nas congregações. A **constatação** das influências exercidas numa liderança, a constatação da necessidade da formação de pessoas sobretudo formadores e líderes. Muitos participantes citaram a **Convivência**, a **partilha nos grupos**, a **troca de experiências**, a **profundidade**, **testemunho** e **desprendimento do P. Rulla**, a **ação dos coordenadores** dos grupos, a **fraternidade** dos participantes, como pontos de real ajuda. Houve quem disse que o curso foi um retiro espiritual.

Sobre um segundo ponto da avaliação: o que não correspondeu às expectativas. Apesar de grande número ter achado que correspondeu plenamente, a tônica principal das

respostas era a de que houve uma **repetição** do curso de 1976, **o grupo** era muito numeroso e heterogêneo, o **tempo** foi reduzido e com **a temática** de longas digressões, divagações não atingindo o tema proposto para este curso, a falta de **concretização** das explanações, de **pistas** concretas, a falta de **diálogo** entre participantes e conferencista (de um mundo e realidade diferentes), o problema da língua, a falta de plenário para a partilha dos trabalhos em grupo, a vida de **oração comunitária** que ficou sacrificada.

Os participantes dando sua apreciação sobre o andamento geral do curso, explicitaram algumas sugestões: Grande número de participantes pedem mais cursos com o P. Rulla com menos pessoas e maior definição da temática. Outro grupo sente a necessidade de um encontro nacional ou regional dos que já fizeram estes cursos para um aprofundamento. Alguns alertaram quanto ao horizonte de compreensão ou círculo ideológico em que se pode cair: cuidar para não levar para a vida prática a teoria apreendida como definitiva. Existem outras maneiras de ver com suas razões e provas. Nesta linha, pediu-se cursos de preparação de formadores em nível de nossa realidade.

Cremos que o Curso tenha dado seu resultado. Somos líderes e comunicadores, no que podemos e devemos ser, aqui e agora, já e ainda não, da Palavra do Senhor. Somos Luz e Sal. E isto pedimos para que o Senhor nos dê sua força e sua graça para que, com o auxílio da ciência, possamos crescer e ajudar a crescer a todos os irmãos da Igreja, no Brasil, com espírito comunitário e solidariedade com o povo.

Irmão Nilso Antônio Ronchi, FMS
Rio de Janeiro, RJ

★

Três pensamentos

1. Ser livre, quem não o deseja? Não se esqueça, porém: a liberdade exige um preço, um duro preço. A capacidade de renúncia é a chave que abre as portas do sonhado país da libertação.

2. Quem se fecha sobre si mesmo, passa a vida polindo as grades da própria prisão. Fazer o que a gente bem entende é apenas libertinagem. Julgar-se livre é, por vezes, a pior das escravidões. A auto-suficiência venda os olhos; atrofia o cérebro, a alma e o coração. "Só a verdade nos libertará".

3. Senhor, dá-me um coração aberto. Que eu nunca me feche sobre mim mesmo. Afasta de mim as teias do egoísmo. Para encontrar minha unidade perdida preciso trazer para dentro da vida a presença de algum irmão.

Roque Schneider, SJ

CATEQUESE
E
DESAFIOS
DO MUNDO ATUAL

Pe. Roque Zimmerman, MSF
Catuípe, RS

Introdução

Falar sobre os desafios do mundo atual é, antes de tudo, um dos maiores desafios para uma pessoa, hoje. Entretanto, tentaremos dentro de nossas limitações e possibilidades dizer algo que, ao nosso ver, possa hoje ser dito sobre um tema tão vasto e complexo.

Eis os pontos que serão abordados nesta exposição:

1. O Problema da Fé Transcendental.
2. O Problema da Linguagem.
3. Nossa incapacidade de visão e compreensão do mundo em sua globalidade.
4. Dificuldade de crítica da realidade como um todo.
5. Pistas de solução.

1. O Problema da Fé Transcendental

Há alguns anos era relativamente fácil "ter fé". Por longos séculos o mundo vivera imbuído de valores cristãos. Existencialmente, o cristianismo — sua fé, seus valores, sua teologia — era universalmente aceito pela grande maioria das pessoas que viviam no mundo ocidental. Os pais "praticavam" a religião. Em casa, os temas da religião eram objeto de estudo e debate. Ao povo simples era ocultada a problemática por ventura existente quanto ao dogma e às verdades mais difíceis de serem compreendidas pelo inteleto. Uma palavra mágica, mistério, dirimia qualquer dúvida ocasionalmente existente. A teologia, com suas categorias fixas, fortemente estribada na filosofia aristotélico-tomista, era quase estática. A pesqui-

sa e a criatividade em teologia eram reservadas, com muitas limitações e rígido controle, a alguns expoentes do pensamento e da reflexão teológica.

O Concílio de Trento definira tudo com muita precisão. Não deixara muita margem para questionamentos e interrogações. O Vaticano I corroborara as afirmações de Trento e resolvera alguns casos novos. O magistério, sempre vigilante, garantia a manutenção do "status quo" e da irreformabilidade do precioso "tesouro da fé", não apenas em seu cerne, mas também em todos os seus aspectos secundários. Surgiram os manuais das definições dos concílios e dos documentos pontifícios, sempre aumentados e acrescidos, entre os quais sobressai o famoso "Denzinger-Schönmetzer", que eram a garantia e salvaguarda da ortodoxia.

Esta situação perdurou séculos. Nos seminários estudava-se até vinte anos passados praticamente a mesma coisa que se estudara há trezentos anos. Roma e suas universidades pontifícias fizeram escola, e todas as outras universidades do mundo repetiam, basicamente, em todos os lugares, as mesmas teses e refletiam os mesmos assuntos versados pelas universidades romanas. Essencialmente, toda doutrina era julgada simplesmente pelo critério do certo ou do errado. Não havia muita margem para dúvidas, novas colocações ou enfoques diferentes.

Tudo isto criou uma sensação de unidade, de definição e de estabilidade em que ser católicos no Brasil, no Japão ou em Roma era quase a mesma coisa, existencialmente. A linguagem teológica, a prática da fé, a vivência do cristianismo era única em todo o mundo. Assim, quem tivesse um razoável embasamento das verdades fundamentais dificilmente era acossado por grandes dúvidas. Sua fé, fortemente caracterizada pelo transcendental, permanecia intata. As respostas aos não crentes ou aos adversários eram fáceis.

A Idade Moderna, porém, as grandes guerras entre os povos, os meios de comunicação social, as diversas correntes filosóficas dos últimos séculos, as descobertas científicas, o avanço tecnológico, acabariam por atingir irrevogavelmente até o homem da aldeia mais distante do mundo civilizado. Dúvidas surgidas, problemas levantados, erros apontados, acusações feitas — e muitas com razão e sólido fundamento — valores derrubados, deram fim à tranqüilidade dos axiomas eternos e das verdades inabaláveis. Um novo mundo vinha surgindo. Novas "verdades" substituíam as antigas.

O transcendente cedeu espaço ao imanente. Deus foi substituído em grande parte pelo homem. Este criou confiança em si mesmo. Para a solução de seus mais variados problemas já não recorria imediatamente a Deus e nem explicava tudo simplesmente pelo mistério. A dúvida foi formalmente instituída. Descartes, Kant, Hegel, Darwin e outros filósofos eram ensinados nas universidades ao lado de e, muitas vezes, em lugar de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino. A Revolução

Francesa, com sua deusa "Razão" marcou época. Toda uma cultura milenar começou a dar lugar a um mundo novo. No começo deste século o Marxismo, como filosofia, e o Comunismo, como "práxis", acabaram com o monolítico mundo ocidental. Nem um Pio X com o "Syllabus" e a condenação do modernismo conseguiram frear a marcha de uma humanidade em busca de novas soluções para os antigos problemas. A ciência passou a explicar muitos dos problemas que antes não tinham resposta. A fé, gradativamente, foi substituída pela ciência e pela técnica.

Tudo isto não podia deixar de ter as suas conseqüências. O homem da cidade, que estabelecera uma nítida dicotomia entre fé e vida, e que, por isto mesmo, podia continuar a prática religiosa, apesar das falhas cometidas em sua vida pessoal, profissional, familiar e social, viu-se sacudido e chamado à coerência entre fé e vida. Como esta, porém, exigia demais de sua vontade fraca e não educada à renúncia, um número cada vez maior de pessoas passou sistematicamente a abandonar a "prática" da religião e até a negar teoricamente a fé transcendental.

O homem da ciência, por motivos análogos, e o técnico, por razões as mais variadas, seguiram o mesmo caminho. Finalmente, o homem do campo, tradicionalmente mais dócil e dependente, também foi atingido e, derrubadas as sólidas bases de uma fé muitas vezes mítica e alienada, fez coro com os demais. Restavam ainda os conventos, os mosteiros, as casas paroquiais, os seminários e outros estabelecimentos do gênero. Não podiam ficar imunes. E não tardou a acontecer que padres se laicizaram, religiosos rescindiram seu compromisso de consagrados a Deus e às almas. Teólogos começaram a questionar "verdades". Nos lábios de muitos se estampou uma pergunta: "Vale a pena ainda acreditar, consagrar uma vida por uma causa que parece ruir?" Isto não quer dizer que em todo este passado acima descrito não houvesse defecções, que tudo era tão tranqüilo. Os números, porém, não deixam mentir.

O impacto foi mais violento nos últimos vinte anos, e continua sendo ainda hoje. E foi na vida religiosa que mais se fez sentir, porque ela, por definição, foi, é e sempre deverá ser no mundo uma presença de valores eternos. Parece, no entanto, que estes valores eternos não foram sempre bem compreendidos. Eram, não raras vezes, tidos como valores "fora do mundo", "além do mundo", "reservados para depois desta vida terrena". A meu ver, está aqui o grande problema da defasagem da própria axiologia da vida religiosa, atualmente.

Hoje definimos o religioso como um ser no mundo, mas um mundo de Deus, um mundo onde já deve começar o Reino de Deus, onde este Reino deve realmente se estabelecer e firmar para testemunhar o eterno, o que não tem fim.

A escatologia assumiu outra dimensão e amplitude. Para os teólogos, ao menos teoricamente, as coisas parecem claras. Entre a teoria e assimilação vivencial, prática,

existencial, contudo, há ainda um longo caminho a percorrer.

De minha parte, vivendo no meio do povo simples do interior, tendo, no entanto, inúmeros contatos com religiosos e sacerdotes, principalmente do interior, mas também do meio urbano, parece-me claro que ainda falta muito para que tudo aquilo que uns poucos já parecem vislumbrar se torne também motivo de segurança para os muitos que estão numa busca sincera. Ademais, as searas das vocações sacerdotais sobretudo provindas da Europa e dos meios rurais dos demais continentes também foram atingidas. Por isto, num mundo onde a densidade demográfica aumenta assustadoramente, paradoxalmente vão diminuindo as vocações ao sacerdócio e à vida religiosa. E ninguém se iluda com o repentino florescimento de vocações destes últimos anos. A diferença etária entre a geração atual de religiosos e sacerdotes e a dos futuros que estão por vir, o aumento de trabalho dos que estão hoje na luta, ainda se farão sentir. Deste modo, não temos receio de afirmar que muitas dificuldades terão que ser superadas antes que se volte a uma certa tranqüilidade, em que fé transcendental, vivência concreta do cristianismo e consagração total à causa do Reino não mais apareçam como facetas dicotômicas de uma mesma vida que tende à unidade de ser, pensar e agir.

2. O Problema da Linguagem

Há muito pouco tempo, Fr. Carlos Mesters, hoje um dos autores de livros sobre teologia bíblica mais conhecidos do Brasil, em seu livro "Seis dias nos porões da Humanidade" — relato de uma experiência pastoral no interior do Ceará — entre outras coisas, interroga-se sobre o problema da linguagem da teologia e principalmente do teólogo em confronto com a linguagem de nosso povo simples do interior. A um dado momento, pergunta-se a si mesmo: "Será que o povo entende o que falamos? Será que lhe interessa o que dizemos?" Não deixa de ser curiosa a constatação de Carlos Mesters. Creio que para a grande maioria dos sacerdotes e religiosos que trabalham no interior, ou mesmo nas cidades, mas diretamente ligados com o povo, causou surpresa a sua confissão de que apenas agora ele se dava conta disso. Nunca fizera experiência igual antes, sendo que a mesma é feita por milhares de sacerdotes e religiosos, todos os dias, desde há muito tempo.

O mérito da constatação de Mesters, entretanto, está em que foi franco e reconheceu que seu mundo, suas necessidades, seu modo de pensar, sua linguagem, seus raciocínios e seu modo de argumentar estão distantes do povo. O povo vive outra realidade. A nossa liturgia lhe é ininteligível. A nossa pregação dominical não o alcança em seu ser profundo. O mundo de nossos valores, de nossas crenças, de nossa cultura não o atinge. Ele vive uma outra realidade, a qual pelos mais diversos motivos nossa formação, ambiente de internato em que vivemos longos anos, procedência, modo de vida atual, nossa não inserção em sua realidade existencial e muitos outros — nós não compreendemos,

assim como eles não compreendem a nossa.

O religioso, a braços com o trabalho concreto com o povo, sente a discrepância, o hiato existente entre a sua própria linguagem e a impermeabilidade do coração do ouvinte. De outro lado, porém, sabe que nada ou muito pouco pode fazer. O povo nos ouve com gosto, admira-se da quantidade de palavras bonitas que dizemos em pouco tempo, estima nossa presença humana e amiga, comove-se diante de nossa renúncia e de nossos sacrifícios, mas a conversão, a transformação íntima que pretendemos operar não acontece. E nem pode acontecer.

São dois mundos que não se intercomunicam. Após o dia de visita na comunidade do interior, a missa dominical, o curso de noivos ou batizados, — sem dúvida muito queridos e até desejados por uma grande maioria — tudo continua na mesma. Os pobres voltam às suas casas e problemas de sempre; os da classe média, aos seus trabalhos e ocupações de todos os dias; a classe rica e dirigente aos seus negócios e atividades normais, e a missa, o batizado, a cerimônia do casamento religioso tornam-se fatos do passado. O dinamismo renovador e transformador de mentes e corações que devia ter sido gerado e que realmente estava na mente, na intenção do sacerdote, da religiosa ou da catequista não acontecem. E tudo isto, quando experienciado longa e diuturnamente, meses e anos a fio, é profundamente angustiante e desalentador.

Eu mesmo fiz esta experiência após cinco anos de intenso trabalho em uma paróquia do interior. Jovem ainda, sacerdote novo, fui bem animado e preparado da melhor forma possível na época. Supunha ter aprendido as melhores técnicas e continuava a comprar os melhores livros, procurava assinar e ler as boas revistas de teologia e pastoral, esforçava-me por trabalhar dia e noite na transformação de uma paróquia. Organizara e animara um sem número de equipes e grupos de reflexão e ação e chegara à conclusão de que realmente havia transformado a minha comunidade, ao menos em parte.

Qual não foi, porém, a minha surpresa e quase decepção quando, após um ano de atividade em outro lugar, voltei como pároco à mesma paróquia anterior e fui forçado a constatar que havia me iludido flagrantemente. Muita coisa voltara à situação anterior, o elã pela Igreja viva havia desaparecido, muitos dos grupos haviam-se desagregado, os líderes estavam dispersos e muito pouco do trabalho intenso de cinco anos havia medrado.

Esta é a constatação de grande parte dos sacerdotes e religiosos de nosso tempo. Sua linguagem não é entendida e, muito menos, interiorizada; sua consagração é colocada em dúvida; seus votos não são compreendidos, quando não mal interpretados ou simplesmente não aceitos como vividos; sua ação interpretada como uma forma peculiar de ganhar a vida. Creio mesmo que o próprio teólogo, mergulhado em suas abstrações e esquemas mentais, longe da realidade do povo em suas

abstrações e esquemas mentais, longe da realidade do povo cristão, mal se apercebe de quão pouco atinge a realidade profunda deste mesmo povo, dos próprios religiosos até. Hoje tanto se fala, tanto se escreve e quanto mais se fala e escreve, mais somos impelidos a falar e escrever ainda, e parece que os problemas vitais não são atingidos. Por isto também pergunto: "Será que o povo nos entende? Será que nos apercebemos de que não somos compreendidos? E quando nos apercebemos, o que fazemos para modificar o nosso modo de falar e de ser? Será que depende de nós o fato de não sermos entendidos, ou há causas muito mais profundas a serem pesquisadas? Não serão, talvez, estruturais? De ordem histórica? De objetivos e metas? Onde estará a verdadeira causa do problema?"

3. Nossa incapacidade de visão e compreensão do mundo em sua globalidade

Dizia-se de S. Tomás de Aquino, de Sto. Alberto Magno e de outros doutores da Idade Média que eram conhecedores de tudo quanto existia em matéria de ciências, filosofia e teologia de suas épocas, e que por isto mesmo S. Tomás foi capaz de elaborar uma "Summa Theologica" que abrangia, refletia a interpretava todo o conhecimento do seu tempo. Já ouvi mesmo um professor universitário suspirar pelo surgimento de um novo S. Tomás para os nossos dias que abrangesse a globalidade dos conhecimentos da atualidade e assim nos desse novamente uma visão global e universal dos conhecimentos atuais e apontasse caminhos de solução adequados para os nossos dias.

A dificuldade maior que vejo para "fazer teologia" hoje, de ter fé, de viver o cristianismo autenticamente é que a todo instante somos assediados por questionamentos, enfoques e prismas os mais diversos da mesma realidade. Não bastasse isto, as realidades do mundo atual são tão vastas, complexas e contrastantes que não permitem que tenhamos uma visão tranqüila dos homens e das coisas. Entretanto, nós tendemos à unidade. Necessitamos da globalidade. E, não a encontrando, angustiados a procuramos em toda parte.

E por isso que, sobre a mesma mesa, à cabeceira da mesma cama, encontram-se livros de autores totalmente desencontrados, que têm colocações diametralmente opostas, cosmovisões que se excluem reciprocamente, mas todos falando com a mesma convicção, procurando cada qual arrancar nosso assentimento para a sua tese e argumentação. Além disto, os campos da saber humano são, hoje, tão amplos e ao mesmo tempo tão especializados que homem algum os pode atingir em sua totalidade e muito menos em sua profundidade.

Se os problemas da fé transcendental e a dificuldade adveniente da linguagem privada podem ser superados satisfatoriamente, o desafio de nossa incapacidade face à compreensão do mundo em sua globalidade parece totalmente insuperável. Aqui temos que aceitar nossa limitação, nossa finitude, e simplesmente admitir um são pluralismo de idéias e

cosmovisões, respeitando-nos reciprocamente e caminhamos esperançosos para a plenificação universal que forçosamente acontecerá, por caminhos diversos, todos no entanto identificados na mesma busca honesta, respeitosa, compromissada não apenas com o próprio êxito, mas de todos quantos se jogaram na luta com todas as energias, capacidades e na totalidade de seu ser. Isto, porém, não é fácil.

Fomos educados para absolutizações. Durante muitos séculos estivemos acostumados a ter sempre a razão. Éramos donos tranqüilos da verdade. Ademais, inibiram-nos a capacidade criativa, embotaram-nos a imaginação, fomos proibidos de pensar e sugerir e, por isto, hoje sentimos falta de segurança diante de um mundo complexo e auto-suficiente, hostil e agressivo, diversificado e maldoso, técnico e criativo, em constante mutação e transformação, gerando em nós profunda insegurança e quase absoluta falta de adequação para levarmos adiante a nossa mensagem de fé e esperança, amor e otimismo.

Entretanto, apesar de tudo isto, este mesmo mundo que nos questiona e combate precisa de nós, de nosso trabalho honesto e sincero, de nossa mensagem ativa e dinâmica para não sucumbir de modo total e definitivo. Aceita-nos como parceiros honestos na busca de novas soluções. Combate nossos pedantismos e absolutismos. Encoraja-nos em nossos fracassos e desânimos. Reanima-nos com sempre novas e mais efuziantes descobertas. Projeta-nos para um futuro sempre mais inquieto e problemático onde, bem ou mal, todos temos que encontrar um "modus vivendi", mesmo que não o compreendamos de todo. A única coisa que este mundo não aceita de nós é que paremos, que nos fossilizemos, que descansemos sobre os louros já conquistados, que nos acovardemos diante de um futuro difícil, mas ao mesmo tempo fascinante que nos aguarda.

4. Dificuldades de crítica da realidade como um todo

A nossa formação aconteceu de um modo mais ou menos estático. A maior parte dos religiosos da atualidade proveio do meio rural, onde ainda eram guardados alguns dos valores tradicionais do passado. Digo "eram", porque hoje as coisas estão mudando também aí. Os meios de comunicação social, um dos mais potentes fatores de transformação dos nossos dias, também aí se implantaram de um modo total e definitivo. Nossas casas de formação eram zelosamente protegidas de toda e qualquer influência do mundo exterior que nos cercava. Os conteúdos doutrinais que nos ministravam eram muito bem vigiados e sua ortodoxia cuidadosamente resguardada. A forma de vida, rigorosamente homogênea, descendia de épocas remotas e séculos passados...

Enquanto isso, o mundo caminhava. Andava lento, mas sempre em seu processo de aperfeiçoamento histórico. As ciências se especializazam, os costumes se modificavam, as técnicas se desenvolviam, novas descobertas apareciam a cada dia que passava. De tudo isto nós sa-

bíamos, éramos informados e alertados. Porém, não vivíamos o problema. Finalmente, formados e diplomados, fomos jogados neste mundo diferente, com o qual nunca nos tínhamos defrontado antes ou então que era totalmente diferente do que fora quando dele nos havíamos retirado para as nossas casas de formação. Cumpria-nos ser aí "o sal da terra e a luz do mundo". Haviam-nos dado armas que não eram aceitas pelos nossos contendores. Ensinaram-nos técnicas que já estavam ultrapassadas no espaço e no tempo. Mas apesar disso, tínhamos uma grande arma que, por longos anos nos foi muito útil: tínhamos um grande ideal, uma forte mística e uma imensa vontade de acertar.

Fomos longe. Sofremos embates violentos. Derrotados aqui, levantávamos acolá. Obtivemos também vitórias. O tempo, porém, foi-nos corroendo. Muitos de nossos melhores companheiros nos abandonaram inapelavelmente. Nossas esperanças humanas iam terminando uma após outra. Veio o Vaticano II. Abriu-nos um mundo fascinante. Exatamente aquele que sonhávamos. Mal, porém, nos dávamos conta de quanto seria exigido de nós num futuro bem próximo. Apesar de tudo, o abraçamos alegremente. Arregaçamos as mangas e nos pusemos a trabalhar. As tarefas duplicaram. Sem romper com as estruturas e compromissos do passado, quisemos abarcar o novo que estava surgindo. Veio o cansaço, a estafa, o esgotamento. Aí paramos, olhamos, escutamos, refletimos e concluímos que assim também não era possível. Tentamos modificar. Fomos muitas vezes barrados e em alguns casos até com razão. É que nos faltava uma visão crítica da realidade como um todo.

O mundo econômico, material, interesseiro; o mundo das grandes firmas, dos grupos de influência, do capitalismo absoluto, dos trustes, das multinacionais já se havia ramificado pelo universo inteiro. O mundo da ciência colocara ao nosso lado, até nas mais longínquas aldeias do interior, pessoas diplomadas e formadas num mundo diferente do nosso e que roubavam nossa liderança tranqüila e inconteste do passado. O mundo da técnica nos colocava nas mãos engenhos fabulosos, máquinas de alta precisão, instrumentos diversificados que não sabíamos manejar, e cujas fórmulas não sabíamos interpretar. O mundo da arte nos colocava frente a quadros nunca dantes vistos e diante dos quais simplesmente ficávamos sem palavras. E assim por diante.

Por onde começar?

Tudo isto, além do mais, amplamente sustentado por um imenso poderio econômico e difundido por inúmeros meios de comunicação social que penetravam em todos os lares, desde as grandes acrópoles até as mais modestas choupanas do sertão mais agreste. Mundos diferentes procuravam repartir conosco o domínio do homem e do cosmos, do qual pensávamos ser especialistas. Corremos às faculdades. Sobrecarregamos nossos horários. Multiplicamos nossas atividades. Tentamos

recuperar o tempo perdido. Em poucos anos, fomos desafiados a recuperar séculos. Mas enquanto nós corríamos, o mundo também andava. Assim chegamos ao hoje. Olhamos espantados e nos questionamos sobre o que acontecera ao nosso redor.

Os valores pelos quais ontem lutávamos já haviam sido derrotados. O divórcio já fora aprovado. Em muitos países o aborto era coisa pacífica e legal. A família estava em franca decadência. Os jovens, com os quais mais nos ocupávamos e preocupávamos com maior assiduidade já não nos aceitavam tão facilmente. Ainda nos toleravam cá e lá. Nas faculdades falava-se abertamente da morte de Deus e do iminente fim da Igreja. Lúgubres profetas da derrocada de nossa crença e de nossos valores surgiam em toda parte. Infinitas seitas, que ontem chamávamos de heréticas e pagãs, haviam tomado conta de nosso bairro e vilas. As pessoas simples das favelas e arredores das grandes cidades, ontem todos batizados na Igreja Católica, já não mais atendiam, ao chamado de nossa pregação e liturgia. Outros haviam tomado o nosso lugar.

Enquanto nós nos preocupávamos em recuperar o tempo que achávamos ter perdido no passado, o próprio presente parecia ter-nos fugido das mãos. E assim, muitos de nós, nos encontramos no presente sem ter soluções adequadas para os múltiplos problemas que nos afligem e as quais, apesar de tudo, tantos exigem de nós. Um grande número, por isso, bem que gostaria de dar sua parcela de colaboração, mas não sabe nem bem por onde começar. Ainda há pouco, um sacerdote do meio urbano desabafava: "Há tanta coisa por fazer que nem sei por onde começar". Sabe que deve iniciar, mas não vê bem como e por onde.

5. Pistas de solução

O quadro acima delineado, mesmo que de forma superficial e incompleta, é bastante pesado e facilmente poderá levar alguém ao desânimo. Nem tudo, porém, é tão negativo assim. Tentaremos aqui apontar para algumas pistas de solução.

1º) O mundo de hoje não é nem melhor nem pior do que o de ontem. É apenas diferente. Tem suas riquezas e suas limitações. Ora, se não é nem melhor nem pior que o de ontem, não precisamos temer. A história nos conta o passado e nos revela que o homem sempre teve que lutar para sobreviver e transmitir aos pósteros uma mensagem de otimismo e esperança. As soluções nunca vieram ao natural, mas sempre foram encontradas a duras penas.

O mundo é apenas diferente. Para um mundo diferente necessitamos de soluções diferentes. Não adianta querer enfrentar a bomba atômica com escudo e couraça. Não adianta também trazer soluções inadequadas e ultrapassadas para os problemas do jovem e do adulto de hoje. No entanto, mesmo que o mundo seja diferente, não é totalmente diferente do de ontem. Não podemos romper simplesmente com o nosso passado. Há valores que devem permanecer.

Mas a roupagem e a maneira de os transmitir devem certamente ser adequados à nossa realidade de hoje. O próprio Cristo já nos alertou em sua época de que o cristão autêntico seria comparado a um homem de bem que retira do seu tesouro coisas novas e velhas (Mt 12,35). Há, porém, valores novos que também terão que ser assimilados e aceitos com alegria.

2º) O homem de hoje é mais consciente dos próprios problemas, de sua finitude e limitação do que o homem de ontem. Os responsáveis por isso são as escolas, a universalização do ensino, a difusão dos meios de comunicação social. O nosso mundo tornou-se uma grande aldeia onde todos sabem tudo ou quase tudo de todos. A psicologia, com o estudo do inconsciente pessoal e coletivo proporcionou muito mais sensibilidade em relação a nós mesmos e aos outros. O sofrimento dos outros, mesmo de lugares distantes não deixa de nos atingir de algum modo e nos causa preocupação. E isto, certamente, tem seus aspectos positivos.

3º) O Deus de ontem é o mesmo Deus de hoje. E foi Ele que, em Jesus Cristo, nos garantiu: "Estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos" (Mt 28,20). Ele sempre foi exigente. Exigiu renúncia a Abraão, senso crítico a Moisés e fidelidade a todo povo, mesmo em meio a duras provas e na obscuridade da fé. É só conferir a História da Salvação e tudo isto fica patenteado de modo maravilhoso. Assim nos interpela ainda hoje para o sacrifício, à visão crítica da realidade, à fidelidade na construção e acabamento do "Reino que já está no meio de vós" (Lc 17,21). E este Reino será construído sempre ainda por aqueles que tiverem a coragem de "tomar sobre si a sua cruz e seguí-lo" (Lc 14,27), mesmo que for ao Getsêmani e ao Calvário, porque todos foram convidados e o plano do Pai é que todos sejam salvos.

4º) Nunca foi, humanamente, fácil ser cristão e muito menos religioso. A perseguição, a calúnia, o desprezo, o martírio sempre foram e continuarão sendo características essenciais do cristianismo, porque o "discípulo não é maior do que o Senhor" (Lc 6,40) e porque importa também a mim "completar na minha carne o que falta à paixão de Cristo" (Col 1,24). Entretanto, permanece de pé também hoje, a promessa do Mestre: "A vós que renunciastes a tudo e me seguistes, em verdade não ficareis sem recompensa" (Lc 18,29) e ainda: "Todo o que deixar pai, mãe, esposa, filhos e terras por minha causa, em verdade vos digo, receberá o cêntuplo nesta vida e a vida eterna"' (Mt 19,29). Caso aceitarmos isto e crermos que Ele ainda é o mesmo hoje como o foi ontem e que sempre foi exigente para com os seus eleitos, compartilharemos a mesma atitude interna dos Apóstolos: "E sairam alegres, porque foram julgados dignos de sofrer pelo nome do senhor Jesus (At 5,41).

Poderíamos, sem dúvida, multiplar quase ao infinito estas citações. Mas pensamos realmente deter-nos aqui para finalizar com algumas observações bem concretas que nos ajudarão a enfrentar com ânimo for-

te e coração alegre os desafios do nosso mundo de hoje. É preciso ter sempre bem presente:

a) A necessidade de um conteúdo interno, porque toda a renovação e tranformação autêntica parte do interior da pessoa.

b) A necessidade de aparelhamento técnico e científico. Explico: devo saber usar os instrumentos e trabalhar com as técnicas do mundo de hoje se quero ser fermento para levedar toda a massa.

c) A necessidade de versatilidade mental, pois o mundo de hoje é dinâmico. Não posso parar. Devo saber adaptar-me rapidamente a novos ambientes e novas situações. É preciso criatividade e leveza de espírito.

d) A necessidade de formação e informação constante e atualizada. Não posso me fossilizar. É preciso ler, estudar, escutar, dialogar com mente aberta e arejada tudo quanto de novo e bom aparecer neste mundo de Deus.

e) A necessidade de consciência crítica. Eis um dos maiores desafios para o religioso no tempo de hoje. Devo saber criticar valores, estruturas, sistemas, modelos, sem no entanto romper com as pessoas. A pessoa acima de tudo. Só por causa dela Deus criou o mundo, Cristo se fez gente e só por causa dela é que eu estou aqui.

f) Necessidade de paciência e urgência históricas. Nem tudo se faz, hoje, mas nem tudo também deve ser deixado para amanhã.

g) Necessidade de oração existencial.

h) Necessidade de comunhão.

Conclusão

Ao longo desta reflexão para assunto tão vasto e complexo, creio haver atingido e apontado, ainda que em rápidos traços, algumas das raízes do constante mal-estar e falta de ambientação de muitos religiosos, embora estes sinceramente estejam empenhados na busca de novas soluções e levem a sério o sentido de sua consagração. Pode ser que tenha sido posto a lume um quadro lúgubre na primeira parte da exposição, quando se procurou analisar algumas das causas de nossa inadequação à realidade de hoje. Não obstante, o religioso não pode considerar-se um fracassado ou desanimar perante a gama de problemas que surgem. Aliás, nem mesmo tem este direito. A conscientização mais clara que possui, em confronto com muitos irmãos seus que não têm à disposição as mesmas condições de crítica frente à realidade, o sentido de sua vida que se define como uma consagração e como sinal escatológico de um Reino já presente no mundo de hoje e que se constrói no dia-a-dia, acrescido ainda do espírito de solidariedade aos homens deste tempo, que deve estar na base de sua consagração, conclamam-no a procurar, a exemplo dos profetas do antigo Israel, novas pistas, e a ler os sinais da presença de Deus no mundo de hoje. Sinais que se identificam com os anseios e com as buscas dos homens de hoje.

Todavia, o religioso não poderá realizar semelhante tarefa se antes não se adequar e assumir em plenitude a sua vocação. Daí a sua dupla tarefa: ser o sinal de um mundo

novo, ao mesmo tempo que deve dar o impulso em direção a esta nova realidade, a este novo horizonte na realização de sua tarefa no aqui e agora. Daí também a necessidade de uma fé inabalável e de imenso otimismo e confiança nos homens de nosso tempo.

Nestas linhas, eu poderia ter cedido à tentação de partir para outra dinâmica, diferente da adotada. Poderia ter apoiado as minhas constatações na análise de graves especialistas no assunto ou até procurado elaborar uma teologia da vida religiosa que ao menos levasse em conta esta problemática. Não o quis porém. As pistas apontadas são, antes de tudo, um apelo, suscetível, portanto, de maiores ampliações.

Deixo, porém, à boa vontade de muitos a tarefa de procurar soluções mais adequadas à sua realidade pessoal e de pensar a sua vocação no contexto da realidade em que vive.

●

Os questionadores revelam, com freqüência, alto grau de insegurança. Questionar a toda hora é violência à identidade da pessoa.

●

Neutralidade é pecado de omissão num mundo humano dividido, cheio de lutas e antagonismos no campo da religião, da moral e da política.

É TEMPO DE RENOVAÇÃO

CONVERGÊNCIA/1978:
640 páginas de informes,
notícias, livros novos,
experiências, cartas;
artigos que são estudos
originais sobre a nossa
realidade de País,
de Igreja e de Religiosos
aqui e agora;
reflexões realmente
trabalhos de permanente valor;
enfoques novos da Teologia
bíblica ou evangélica
relativos à Vida Religiosa;
linhas medulares na construção
do nosso dia-a-dia;
idéias que são VETOR
DE CONVERGÊCIA de todo
esforço pessoal e comunitário
produzido pelo desejo
de ser mais o que se é.
RENOVE LOGO sua assinatura.
Garanta para Você
este afluxo de riqueza.

CONVERGÊNCIA, a revista dos Religiosos do Brasil

CATEQUESE NAS VÁRIAS FAIXAS ETÁRIAS

Ir. Natália Maccari, FSP
São Paulo, SP

Para muitos o termo catequese evoca um ensinamento característico do período infantil. O Concílio Vaticano II porém, nos alertou sobre a necessidade e importância da formação religiosa para todas as idades. Enquanto o Direito Canônico, em oito cânones referentes à catequese, dedicava quatro deles à catequese das crianças e apenas um à catequese dos adultos, o Vaticano II em todos os seus documentos, não traz nenhuma declaração que manifeste preferência por uma faixa etária no ensino da catequese, mas insiste para que em todas as idades seja ministrado.

O homem precisa nutrir-se sempre com a Palavra de Deus e através dela robustecer a sua fé. E o adulto ainda mais que a criança, pois, embora seja ela o sujeito privilegiado da catequese, só ele tem condições para aprofundar as riquezas da mensagem cristã.

Redescoberta da catequese

A catequese infantil que foi, podemos dizer, um produto da pastoral de 1500, pois antes desta época o ensino religioso era competência da família, passou a existir particularmente como defesa ante o protestantismo que nascia. Atualmente, o método do ensino religioso infantil sistemático, nascido sem uma sólida infra-estrutura, está sendo criticado por algumas desvantagens que apresentou.

Em primeiro lugar este estudo caracterizou-se por um aspecto teolo-
gal adulto, do qual a criança apenas decorava as definições. A mesma catequese que na Idade Média era ministrada aos adultos, passou a ser ensinada às crianças, sem uma conveniente adaptação da metodologia e adequação do conteúdo.

Um segundo inconveniente foi provocado pela marginalização da

família quanto à formação religiosa das crianças. Ocupando-se a Igreja desta tarefa, os pais foram se retraindo, confiando esta incumbência totalmente aos padres. Isto ocasionou uma ruptura religiosa entre as crianças e a família e uma sempre maior inaptidão da família diante do ensino religioso. Atualmente, porém, a catequese que a Igreja nos apresenta, a catequese renovada, está dentro das grandes linhas da psicologia e pedagogia modernas.

Na catequese, como em qualquer tipo de ensino, é preciso respeitar a evolução psicológica, pois como diz o famoso psicólogo Dr. Mignon: "É sempre arriscado querer inculcar em alguém conhecimentos acima de sua idade psicológica".

Respondendo a esta situação do homem, como ser em desenvolvimento, o ensino religioso não só lhe satisfaz as exigências, mas lhe abre caminhos na evolução, tendo em vista sua **situação histórica e ambiental**, ou seja, seu "lugar teológico" e sua **situação psico-física,** seu "ser teológico". O homem responde ao plano do Pai aqui e agora, realizando no seu ambiente uma história de salvação.

Vejamos, portanto, em linhas gerais o desenvolvimento humano como história de salvação, através das várias faixas etárias.

A catequese dos 0 a 3 anos

A vida religiosa da criança nasce e se desenvolve lentamente como a própria criança se desenvolve, dependente em tudo da realidade que a cerca. "A criança assimila como que por "osmose" os modos de agir e de sentir dos seus familiares" (Diretório Catequético Geral — § 78).

No relacionamento amoroso das crianças com os pais, na sua dependência deles, ela começa a estruturar a sua vida teologal de relacionamento e amor a Deus, o Pai que nos ama e nos sustenta. É do ambiente familiar que a criança vai formar a imagem de Deus. Ela não possui outros clichês para identificação: **o seu Deus será o Deus que seus pais vivem.**

Com o equilíbrio de firmeza e tolerância como ela é tratada na família, a criança armazenará créditos dentro de si, que florescerão em virtudes de justiça, prudência, fortaleza, temperança. No convívio com os pais e irmãos ela vai alicerçando sua maneira de ser.

"Este desenvolvimento deve também vir acompanhado da educação para a oração. A criança deve aprender a invocar Deus que nos ama e conserva; Jesus, Filho de Deus e nosso irmão que nos leva ao Pai, o Espírito Santo que habita em nosso coração. Deve também aprender a dirigir orações cheias de confiança a Maria, mãe de Jesus e nossa mãe" (Diretório Catequético Geral § 78).

A catequese das crianças nessa idade não deve ser sistemática, mas ocasional, servindo-se das oportunidades reais que o dia a dia oferece. O sentido de Deus, presente na vida dos pais, comunica-se pelo relacionamento, pelos gestos, na maneira de tratar o pequeno, nos diálogos com ele, em ocasiões de ora-

ção e contemplação da obra de Deus. Isso é catequese.

A importância da família é fundamental, e nenhuma outra instituição, por excelente que seja, poderá substituí-la. Na primeira infância a criança não tem consciência de seus atos, o seu critério de valores é a família. Como agem os adultos ela também age.

Os pais e educadores devem tomar cuidado neste período de vida da criança, para não fazer da religião algo de especial, de "engraçadinho". A religião deve ser vital e concreta em sua existência, fazer parte da vida como a alimentação, a respiração, e não algo que lhe é acrescentado, que lhe é ensinado para chamar a atenção dos adultos e atrair a sua admiração. É freqüente ouvirmos expressões como esta: "Raquel, faça o sinal da cruz para a titia ver como você faz direitinho". "Ele já sabe a Ave-Maria, não é Carlos? Reza para a titia ver, reza". É perigoso identificar a religião com decoração de fórmulas e orações. Este método geralmente não atinge a vida e passa a cansar a criança.

Mais do que fórmulas, o pequeno deve nesta idade, sentir Deus na bondade das pessoas, na beleza do universo, na utilidade das coisas.

É importante ajudar a criança a descobrir o Senhor e os caminhos que levam a ele, mas não fazer por ela. Deus é o nosso exemplo, ele é o grande pedagogo que devemos imitar. Ele conduziu Israel com amor (Os 11,2), mas deixou que os hebreus fizessem e refizessem os seus caminhos. E ainda mais, Deus não teve pressa, não marcou etapas para o seu desenvolvimento, mas aceitou caminhar lentamente ao lado do povo. A criança se desenvolve lentamente. É preciso muita paciência e muito amor, sem queimar etapas, nem antecipá-las. Só o amor revela o AMOR.

Catequese de 4 a 7 anos

Dos 4 aos 7 anos a criança é toda intuição, fantasia e sentimento. Aos três anos, mais ou menos, ela descobre a realidade do mundo exterior, porém, até aos sete anos, esta realidade está ainda muito ligada ao seu EU. Tudo o que existe está em função da sua pessoa, ela é totalmente **egocêntrica**. Este estado natural, porém, de convergência para si, não é **egoísmo**, mas uma conseqüente subjetividade, provocada pela sua escassa visão das coisas. Este período de transição não deve ser combatido, mas orientado para a oblatividade.

Seu raciocínio é totalmente dedutivo, o que equivale a dizer que ela só pensa a partir do que vê. Sua segurança está nos sentidos.

A mensagem cristã neste período deve ser concreta, emergindo dos acontecimentos da vida e apresentada com recursos visuais, porque a criança — e ainda mais a criança televisiva — necessita da imagem para confirmar a idéia. Tudo o que existe de belo e de bom na natureza e nos atos do homem pode ser aproveitado para fazer a criança sentir Deus, pois ela possui em alto grau a faculdade de admirar-se e é propensa à contemplação.

A criança de cinco anos é ainda incapaz de distinguir a sua fantasia da realidade e por isso muitas vezes vive num mundo irreal: cria para si companheiros ideais, assume outras personalidades, fala com objetos inanimados. Há pais que se preocupam com essas manifestações, temendo que se tornem hábitos mentirosos. Tais atitudes, porém, nada têm a ver com a mentira. Contudo, os pais e educadores devem tomar cuidado para não confundir a fantasia com a mentira, quando esta verdadeiramente existir. A pedagogia sugere nestas situações distrair a atenção da criança antes que questioná-la e repreendê-la.

Pequenas narrações bíblicas e episódios da vida de Cristo e dos santos são ótimos para essa idade; a criança as ouvirá dezena de vezes, sempre com a mesma atenção. Ela tem apenas uma exigência: devem ser sempre idênticas à primeira narração.

Sentimento e controle moral

A criança interioriza e faz próprio o sistema de atitudes, de experiências e de controle dos pais e formadores. Mesmo só, ela sente dentro de si a atitude, a recomendação, a exigência dos educadores.

O modo de vida dos adultos e mais precisamente daqueles que se relacionam com ela vai moldar a sua consciência. É importantíssima esta etapa, pois os pais estão gravando no filho um protótipo de vida para sempre.

É um dos períodos mais significativos na formação, pois a criança possui um senso de imitação tremendo e registra tudo o que lhe passa pelos sentidos para depois se transformar naquilo que registrou. Ela idolatra, mas ao mesmo tempo teme o adulto, pois ele é um mistério no seu entender.

Catequese de 8 a 10 anos

É uma época de grande desenvolvimento intelectual, o mundo de conhecimentos da criança se amplia e seu raciocínio torna-se mais lógico. Entra numa fase de maior calma, quase como que num período de reflexão e sistematização sobre tudo o que acumulou em si. É clássica nesta idade a mania das coleções.

Este período é riquíssimo para a catequese; a criança terá uma visão global do mistério de Deus que se revela em Cristo pela Igreja. Nesta idade ela é mais profundamente receptiva e consciente nos seus atos. Passa da total dependência para a autonomia. É um período riquíssimo de descobertas e experiências pessoais que precisam ser interpretadas e enriquecidas pela fé.

A doutrina será facilmente assimilada se for traduzida em termos de vida concreta. São excelentes as parábolas do evangelho, os milagres e ensinamentos de Jesus, as narrações do Antigo Testamento, tudo isso relacionado com a nossa história de salvação do dia a dia. A criança deve sentir que ela está fazendo a sua história de salvação.

Tendência grupal

Outra característica marcante desta idade é a tendência ao grupo. Na companhia dos colegas da mesma idade a criança tem chances de valorização e de afirmação do próprio EU.

Neste período ela deixa de ser subjetiva e começa a julgar objetivamente a realidade; analisa o comportamento dos adultos, dá-se conta de suas deficiências, limitações e conseqüentemente afasta-se deles e refugia-se no grupo. Distancia-se dos adultos não porque os considera inimigos, mas simplesmente porque são diferentes.

O sentido grupal é um elemento altamente significativo na catequese dinâmica. O grupo foi a realidade humana escolhida por Cristo para a sua evangelização, e tudo o que nós sabemos da vida e dos ensinamentos de Jesus, o recebemos através do grupo, que pela prática do amor se transformou em comunidade: a comunidade dos cristãos.

Ser cristão é ser solidário, é saber viver em comunidade. Aproveitar esta tendência natural da criança para desenvolver atividades na catequese contribui para a sua formação social e lhe possibilita um concreto desenvolvimento das virtudes comunitárias, indispensáveis não só na vida religiosa, mas no próprio convívio humano.

Formação da consciência moral

Com o despertar da razão a criança começa também a constatar a noção do bem e do mal. Começa a entender que tal ação é proibida não somente porque os pais o disseram, mas porque um dever ou um motivo mais profundo o exige. Ela própria começa a julgar seus atos, passando do tribunal familiar para o tribunal da sua consciência.

Neste período a criança é particularmente sensível a todo mal, a toda a ofensa, e nutre um sentimento muito terno e afetuoso para tudo o que é belo e bom. Idealiza para si um protótipo de virtude e luta para alcançá-lo. Incentivar a prática do bem com fatos bíblicos, narrações da vida dos santos é um recurso excelente que vai de encontro às profundas necessidades psicológicas da criança.

O orientador religioso deve ter um grande respeito pela consciência da criança, ainda em formação, e ao mesmo tempo, possuir um justo equilíbrio para não formá-la errônea, escrupulosa ou superficial.

Não tendo ainda uma consciência inteiramente autônoma, a criança permanece ligada à consciência dos pais. "O controle pessoal é ainda muito fraco para ser suficiente. Aliás, a criança levará ainda muito tempo para distinguir a falta moral da falta de caráter e diante da tentação permanecerá ainda por muito tempo um motivo menos louvável, mas necessário: o medo da punição. É essa falta de percepção da distinção entre a falta moral e psicológica que faz com que a criança diga na confissão: "eu sou preguiçosa, sou vaidosa. . ." (Paul Vernhet.

O conhecimento de Deus

Deus é a grande realidade que vai atrair o interesse da criança. Para todos os seus questionamentos: "Quem fez o mundo? Quem criou os homens? Por que as coisas são assim? Por que isso ou aquilo acontece. . .?" A resposta culmina sempre em Deus. É espontânea a reflexão sobre Deus grande, sábio, poderoso, eterno, onipresente. Em nossa missão de educadores da fé, cabe-nos a sublime tarefa de apresentar aos nossos catecúmenos o verdadeiro Deus, o Deus da Bíblia.

Acontece, porém, muitas vezes, que como recurso pedagógico, para aquietar as crianças, nós somos tentados a apresentar-lhes um Deus exigente, severo, juiz, mesquinho. Isso pode no momento impressionar a criança, mas vai criando nela princípios errôneos que terão muita influência em sua vida e nortearão falsamente o seu futuro. É importante falar certo às crianças, porque nada nelas é inconseqüente.

Catequese do pré-adolescente

A pré-adolescência é um período crítico porque o menino rejeita ser criança e ao mesmo tempo falta-lhe estrutura para ser adulto. Está num impasse religioso, pois "não admite mais a religião de menino", como dizia São Paulo, e não tem condições para uma fé adulta. O pré-adolescente busca equilíbrio dentro de si e um lugar na sociedade. Ele quer definir-se para si e para os outros. Seu grande empenho, sua almejada conquista é a **identidade.**

A principal tarefa da catequese é projetar um sentido autenticamente cristão em toda essa realidade que toca de perto o mundo pré-adolescente: o sentido da vida, do trabalho, da formação intelectual, da vida em sociedade, etc. Essa visão do mistério cristão, porém, não deve ser uma realidade acoplada ao ser do adolescente, mas deve partir dele; a sua própria existência deve tornar-se realidade querigmática.

Como a história do povo hebreu, que, pelo seu relacionamento com Deus, tornou-se história de salvação, assim também o pré-adolescente deve sentir que sua existência é um conteúdo de salvação que ele vai atuando dia a dia, em cada acontecimento.

É claro que a marca da mensagem cristã não está evidente em toda a realidade. Esta é a missão do orientador religioso: Fazer o jovem descobrir os caminhos de Deus dentre os caminhos dos homens. O que não é nada fácil neste mundo cheio de ideologias, valores, controles, sistemas, padrões, instituições e um complexo de organizações, as mais diversas. O pré-adolescente é um mundo de interrogações, na ânsia de uma resposta. E, se encontra esta resposta que é Deus, encontra a si mesmo, sua identidade e sua felicidade.

Características do pré-adolescente

Busca de valores. O grande desenvolvimento físico e psíquico provoca no pré-adolescente um grande desequilíbrio que ele busca compen-

sar. Seus pseudo-valores foram abalados e ele necessita conquistar os verdadeiros. É um dilema, pois sua vontade também está em evolução, por isso: ele quer, não quer, não sabe o que quer.

Esta conquista de algo de grande que o identifique na sociedade evidencia-se na imitação de líderes. "O prazer de uma existência heróica, fantástica, de aventuras, é compensado em parte, pela imitação de artistas, heróis, homens de valor". Fatos bíblicos de personagens que se destacaram na história da salvação com bravura e coragem como Moisés, Judite, Davi, Ester, Isaías, Paulo, Maria, os apóstolos, JESUS CRISTO, respondem profundamente aos anseios da psicologia adolescente. Não devemos, porém, apresentá-los numa auréola de santidade que os distancia de nós, mas como homens que viveram e lutaram por um ideal. O adolescente só vibrará pelo cristianismo quando descobrir que ser cristão é uma conquista, e ser santo o maior dos heroísmos. "O reino dos céus sofre violência e só os violentos entrarão nele", falou Jesus.

Sentimentalismo. A necessidade de amor é sintomática no adolescente. Embora externamente rejeite o carinho, ele ainda deseja ser o centro de interesse. Contudo, começa a surgir e a desenvolver-se o sentido de oblação, com a preocupação pelo outro e o surgimento da amizade. É o amor adulto que está lançando raízes.

A mensagem cristã que entra em sua vida deve abrir as portas para a ação apostólica, pois o adolescente, sem estímulos para uma atividade concreta, beneficente, é como uma ave sem asas. "É preciso abrir-lhe as possibilidades imensas de apostolado. Sem isso ele não passará de uma 'eterna criança' religiosa" (Paul Vernhet).

Exigências intelectuais. Sendo essa a "idade da oposição" é preciso respeitar as idéias do pré-adolescente, seu gosto pela discussão e sua capacidade crítica. O diálogo calmo, sereno, bem orientado é o segredo para a conquista e desenvolvimento da personalidade.

O adolescente detesta idéias prontas, programas religiosos "enlatados", ele quer descobrir e elaborar ele próprio seus planos de ação. A tarefa do orientador é indispensável e importantíssima nessa orientação, e a nota de confiança que ele concede aos jovens os torna adultos e responsáveis.

O tempo ocupado em diálogos com os adolescentes a respeito dos seus problemas não é tempo perdido, pois "nada é mais útil para quem está indeciso que um companheiro de jornada no caminho para Deus" (Pedro Righetto).

Dar catequese aos adolescentes é anunciar-lhes que Cristo é o Senhor de suas vidas e que só nele encontrarão sentido para a existência. Se o adolescente descobrisse que a verdadeira conquista é fazer história com Deus, seu amigo inseparável, o diário, passaria a ser um quinto evangelho. Essa seria a mais fascinante das catequeses: FAZER DA VIDA UM QUINTO EVANGELHO.

Adolescência e juventude

"É a idade na qual se questionam as grandes opções e o homem se vai situando definitivamente na encruzilhada da vida. Já não se admitem tão facilmente as opções da família e da comunidade; o jovem quer situar-se de uma maneira pessoal, livre e responsável em face da vida. É a idade em que a catequese assume um matiz claramente evangelizador. Trata-se de dar uma visão global da mensagem cristã no sentido de proclamação "querigmática" dos grandes feitos da salvação, mostrando como são salvadores e libertadores do homem na história de hoje" (Catequese para a América Latina — Sedoc V. 9 — 1977).

Catequese para os jovens é julgar a vida à luz do evangelho, num processo contínuo de conversão; é interpretar os sinais dos tempos, no plano do Pai, ou seja, o que Deus nos quer dizer, qual a sua palavra iluminadora aqui e agora. De um tal processo de reflexão e revisão nascerá a atividade comprometida do cristão autêntico que orienta a sua vida à luz da Palavra de Deus.

Muitos se perguntam se fazer catequese com os jovens não seria:

— Pôr em xeque os seus problemas.

— Questionar assuntos teológicos controversos.

— Suscitar questionamentos sociais e políticos da ordem do dia.

Tudo isso pode tornar-se vantajoso e conveniente quando abordado com objetividade e sabedoria e à luz da Palavra de Deus. Qualquer pessoa preparada pode tratar desses assuntos com muita competência, mas a catequese não se limita à habilidade e competência, ela é um aprofundamento na fé, no foco da luz de Deus.

Tudo pode se transformar em evangelização quando critérios cristãos orientam o diálogo e conseqüentes respostas de fé passam a sensibilizar e transformar a vida. É fácil, porém, transformar encontros de formação religiosa em discussões vazias e conclusões inconseqüentes. Tenhamos sempre presente que catequese não é polêmica nem sensacionalismo, mas fermento transformador de vidas.

O orientador religioso deve conquistar a confiança do jovem, tornar-se jovem com ele, sentir os seus problemas, compreender os seus anseios e com ele procurar luz para o caminho. A confiança e estima recíproca entre o jovem e o educador da fé será a força impulsionadora para o amadurecimento religioso.

Adultos ainda precisam de catequese?

O documento conciliar sobre o apostolado dos leigos, falando sobre catequese para adultos diz: "Os deveres da vida social, as responsabilidades familiares, profissionais, civis e políticas exigem dos adultos o aperfeiçoamento da formação cristã à luz da Palavra de Deus de uma maneira que corresponda à sua situação concreta (Apostolicam Actuositatem — 29-32).

O adulto, capaz de comunhão e de relacionamento, é a boa terra onde Deus planta a sua palavra e ela se desenvolve e dá frutos (Cf. Mt 13,23). O grande problema dos adultos é que eles estão assoberbados de trabalho e não têm "tempo físico" e "silêncio psíquico" para se dedicar a uma reflexão aprofundada da fé. Uma maneira viável para atingi-los é através da catequese dos filhos. Esta pode motivar e afervorar a vida de fé dos pais, através de atividades que empenhem a família.

Adulto é aquele que chegou a um equilíbrio pessoal e deu unidade à sua vida social, psíquica e espiritual. Contudo, "existe o perigo de que o adulto, sobretudo, se pertence a uma sociedade industrial, pense poder atingir esta unidade simplesmente através da sua adaptação à sociedade em que vive. Entretanto, a perfeita maturação da personalidade não consiste apenas num certo equilíbrio externo entre a vida pessoal e o ambiente social, mas principalmente na aquisição da sabedoria cristã. Por isso a catequese deve levar a bem entender o verdadeiro sentido da vida e da morte à luz da morte e da ressurreição de Cristo" (Diretório Catequético Geral § 94).

Como conscientizar os adultos?

O meio mais rápido e eficiente para chegar à grande massa dos adultos, é ir até eles através dos meios de comunicação social, a grande máquina que hoje molda e conduz o pensamento das multidões. Todos, quase que indistintamente, dedicam parte do seu tempo à sua majestade a TV, o rádio, o jornal, a revista, o cinema, etc. Nosso papel de cristãos é agir sobre estes meios, formando o senso crítico dos receptores. Fala-se hoje de uma catequese **mass-mediológica**, a única capaz de anunciar a mensagem de Cristo "de sobre os telhados" e atingir a todos.

A programação de nossas emissoras e a diagramação de nossas revistas está fraca em conteúdos de formação cristã, mas nós podemos influenciar profundamente sobre os conteúdos dos nossos meios de comunicação social. Falta-nos certamente a intuição metodológica de base, isto é, a convicção da urgente necessidade de usar estes grandes meios da comunicação massiva para a difusão da catequese. Sem a força da técnica que amplia e multiplica a palavra do apóstolo, torna-se hoje impossível catequizar a todos.

Grupos sistemáticos e assistemáticos

Há momentos fortes na vida de fé do adulto que podem ser aproveitados para uma catequese mais vivencial, tais como:

— Batismo, primeira eucaristia ou crisma na família.

— Preparação ao casamento.

— Ocasião de uma doença ou morte de um parente ou amigo.

— Mudanças na vida social e econômica, tais como troca de trabalho, promoção especial, migração, etc.

Esses e muitos outros acontecimentos do dia a dia, se vividos e transformados à luz da fé, deixam nas famílias marcas luminosas de

Vaticano II, sinais de Igreja viva. Este aprofundamento esporádico e assistemático feito na família ou por meio de uma catequese mass-mediológica, não supre, porém, a necessidade de cursos especiais para adultos onde se enfoque mais profundamente toda ou uma parte da mensagem cristã. Colégios religiosos e movimentos de Igreja possuem excelente material para isso: as pessoas de boa vontade.

Na catequese para adultos é importantíssima a programação unificada e orgânica. Muitos cursos para adultos não chegam a nascer por falta de inscritos. Por quê? Porque os que gostariam de fazê-los estão ocupados e não podem assumir.

Isso não deixa de ser verdade, mas é também muito certo o que disse Pio XII: "Quando você quer alguma coisa, peça aos que já estão bastante ocupados, e estes sempre encontrarão tempo para fazer, pois os desocupados nunca têm tempo para nada". Tudo é questão de **motivação** e **organização.**

É claro que tais cursos sistemáticos não se prolongam por toda a vida, a homilia dominical é suficiente para uma revisão habitual da fé. Contudo, temporariamente um aprofundamento maior faz-se necessário para sair da rotina e tomar um novo impulso no caminho para Deus.

Catequese em pequenos grupos

Devido ao acúmulo de informações que o homem recebe, inconscientemente ele está protegendo-se e tornando-se impermeável. A mensagem massiva precisa de um esforço individual para ser interiorizada. Para que a mensagem penetre é necessário um trabalho individualizado, uma atenção especial ao homem-receptor. A catequese em pequenos grupos será o novo ressurgir da Igreja que nasce pela base.

Nos pequenos grupos cada indivíduo manifesta sua personalidade, sai do anonimato, da solidão das idéias, interessa-se pelo outro e começa a viver a comunidade. O homem industrializado que vai cada dia construindo sua ilha, fazendo fossas de isolamento em volta de seu pequeno mundo, precisa encontrar alguém, falar, discutir, descobrir algo de mais profundo em sua vida, preocupar-se com o outro, sentir e dar calor humano aos que com ele fazem comunidade. Se nós Igreja não apresentarmos a Vida a este homem, ele morrerá de inanição e poluição psíquica.

A conversão torna-se possível para aqueles que se unem em torno da Palavra de Deus. Os lugares de encontro não precisam ser necessariamente a Igreja, mas qualquer outro local que apresente condições e esteja próximo, não só geográfica, mas também psicologicamente, isto é, que seja conforme ao tipo de habitação e de vida dos participantes.

Metas de uma evangelização adulta

Toda catequese deve ter princípios claros e metas precisas para ser eficiente e agradar aos participantes. As metas prioritárias que devemos ter presente são:

— Evangelização que leve à vivência. Não catequese só de conceitos, mas de mudanças vitais.

— Evangelização encarnada no tempo, que responda ao homem mais que a programas e esquemas.

— Evangelização familiar, que beneficie todos os membros da pequena Igreja doméstica, base da verdadeira comunidade.

— Evangelização missionária, que não se restrinja apenas ao seu pequeno mundo, mas que sinta e viva os anseios da humanidade.

Catequese e velhice

É grande a contribuição que a velhice pode dar à pastoral da Igreja pelo seu testemunho e pela sua vivência.

A catequese para a velhice é de ação de graças e de esperança, para o verdadeiro e definitivo encontro com o Pai. "Desta forma a velhice pode tornar-se um sinal da presença de Deus, da vida imortal e da futura ressurreição. É um testemunho escatológico que as pessoas idosas podem dar pela paciência consigo mesmas e com os outros, pela benevolência, pela oração e louvor a Deus, pelo espírito de pobreza e confiança em Deus" (Diretório Catequético Geral § 95).

Conclusão

A catequese é indispensável em todas as idades para que haja um harmonioso desenvolvimento da pessoa. A mensagem de Cristo não é algo estático que se aprende uma vez e pronto, é algo sempre novo e dinâmico que, embora permanecendo igual, se renova em todas as épocas da vida e da história.

O papel do educador deve adaptar-se às relações características de cada idade. Na **infância** predomina a **relação filial.** A criança mais ouve e recebe. O orientador lhe infunde paz, segurança, esclarecimento e vai formando nela hábitos para a vida.

Na **adolescência-juventude** é característica a **relação de amizade.** É a época da troca em que a pessoa dá e recebe. Neste período o educador será o grande amigo e na estima e confiança robustecerá a personalidade do educando.

Na **idade adulta** a **relação paternal** é dominante. O homem forma, mas é concomitantemente formado pelos seus próprios formandos. É um contínuo doar-se e nesse doar, receber. Na catequese dos adultos, o catequista é principalmente aquele que permite sintetizar os problemas, constatar-lhe as causas e conseqüências, e lhes esclarece a ação por meio de um ensino objetivo. É também o catequista que auxilia o adulto a tomar decisões pessoais e vivenciá-las à luz da fé. A vida do cristão é uma catequese contínua, é fazer história de salvação no dia a dia da vida, encontrando o caminho de Deus entre os caminhos dos homens.

CATEQUESE E MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Frei Renato Zanolla, OFMCap.
Porto Alegre, RS

1. Números

Trago, aqui, inicialmente, uns dados numéricos colhidos na ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (ECOS), de Porto Alegre, em julho de 1977, para nos situarmos frente ao volume e à força da máquina da comunicação no mundo.

Há no mundo, quase 150 milhões de pessoas trabalhando nos Meios de Comunicação Social ou em função deles, para garantir a elaboração, impressão e distribuição de 8 mil diários; 25 mil jornais e revistas semanais; 27 mil emissoras de rádio; 18 mil canais de tevê; 250 mil salas de cinema, que exibem por ano a média de 20 mil filmes de longa metragem. E isto sem falar dos filmes de curta metragem, diapositivos, cassetes, discos e livros de bolso.

Portanto, os 4 bilhões de habitantes da terra contam com 400 milhões de jornais diários; 800 milhões de exemplares de publicações mensais; 900 milhões de aparelhos de tevê e 800 milhões de cadeiras em salas de cinema.

A Igreja dispõe apenas de 200 emissoras católicas de rádio, 22 estações de tevê de orientação católica mas com franquia de programação católica permanente em 8 mil emissoras de rádio e de tevê, distribuídas em 76 países. E quantas são as emissoras cristãs?

No Brasil há 76 canais de tevê instalados; 25 tevês em instalação; 10 milhões de aparelhos de televisão; 50 milhões de telespectadores; 657 rádios em onda média; 167 rádios em instalação (em onda média); 436 rádios em ondas curtas (freqüência modulada); 118 emissoras de rádio da Igreja (quantas cristãs?); 250 jornais diários; 750 semanários e 400 revistas. Somente na área da comunicação impressa temos mil e quatrocentos órgãos.

É a máquina técnica, sofisticada, sorrateira, montada e manejada por hábeis inteligências para conseguir o que querem: dominar o mundo pela

idéia. É a palavra, a comunicação, a propaganda e a opinião pública, envolta nos extraordinários recursos do som, da cor, da imagem, do gesto, do ritmo e do movimento que forjam a maior ditadura jamais sentida sobre o homem, no dizer de Dom Antônio do Carmo Cheuíche.

2. Desafio

Qualquer força evangelizadora nesta máquina "massificante" é sempre bem-vinda, oportuna e salvadora. Aliás, a Catequese neste campo não é nada mais nada menos do que o cumprimento, ou a continuidade, daquela ordem de Cristo antes de sua Ascensão: "IDE POR TODO MUNDO E ANUNCIAI A BOA NOVA AOS HOMENS" (Mt 28,19. Bem como, das demais passagens evangélicas: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". "Quem tiver duas túnicas dê a quem não tem". "Quem não tiver pecado atire a primeira pedra...", etc. Isto é, apóstolos e profetas permanentes do Anúncio Libertador da caridade, da paz e do perdão.

É este o nosso mundo. Somos os profissionais desta comunicação. Talvez até, não sei quanto isto é possível separar, mas antes de bons pregadores, pastoralistas, moralistas, teólogos e expositores... conviria fôssemos BONS COMUNICADORES, uma vez que tudo, hoje, vem da comunicação. Pelo menos, não podemos ficar mais com a consciência tranqüila com a catequese tradicional ou com o sermão dominical, enquanto a comunidade sofre o impacto frenético do mundo inteiro em sua casa.

Muito pelo contrário, a catequese deveria se antecipar, a tal ponto, de poder influir na fonte, no embrião da notícia e nos canais de transmissão, onde a interpretação do fato está sendo montada. Depois, não há mais nada a fazer, ou é muito difícil. Uma vez solta, recebida na opinião pública, a notícia já vem manipulada conforme a ideologia do órgão divulgador. Envolvida da cor e embalagem que o proprietário do veículo, ou outro interessado qualquer, mandar.

Este é o desafio da Catequese e da Igreja. Um trabalho urgente e sério que deve ser exercido não de maneira isolada ou desordenadamente, mas dentro de uma unidade e normas estabelecidas pelo Plano de Pastoral de Conjunto ou de outras diretrizes, métodos e princípios contidos nos documentos do Vaticano II e ramificadas hierarquicamente até às Dioceses e Paróquias.

Para termos força total, sermos Igreja-Anunciadora, devemos nos inserir dentro do plano geral, oficial de Salvação. Seremos fortes e fecundos na medida de nossa unidade e sob a ação do Espírito Santo. Se não apresentaremos ao mundo o espetáculo abortivo da nossa divisão de idéias e métodos, uma divisão intrínseca, a mais deletéria possível em qualquer organização.

3. A catequese, pela comunicação, dispõe à fé

A Igreja de Jesus Cristo se fez carne, palavra, **logos**... Não é uma Igreja-Mistério, mas uma Igreja-Diálogo, uma Igreja-Comunicação.

Comunicação com o Pai. Cabe a nós apenas prosseguir, alimentar este Diálogo com o Pai até o fim da história mediante o hábil manejo das modernas técnicas.

Hoje, a mensagem, até a oração e a contemplação, não são restritas somente à penumbra das igrejas ou ao silêncio dos claustros, mas podem provir de qualquer lugar através de um microfone, gravador, alto-falante, câmera de tevê, cassete ou projetor. Cabe a nós decodificar todo este manancial que está nos "arcanos da Divina Providência," (misterium absconditum in Deo), e revelá-lo continuamente e adatá-lo conforme os avanços e progressos da civilização. Filtrá-lo ao nível do homem histórico. Por isso que CATEQUESE e COMUNICAÇÃO vão juntas.

Pregação (Catequese), em sua estrutura geral, não difere da comunicação humana normal (ambiente, cor, condições...), uma vez que a comunicação se faz na pessoa. Pedagogicamente até viria antes, creio, a comunicação, depois a catequese ou pregação. Porque a comunicação está na própria essência das verdades cristãs (diálogo com o Absoluto, lembram?). As Igrejas cristãs, em termos operacionais, são basicamente COMUNICAÇÃO. Isto é, COMUNICAR sempre foi seu ofício maior, não é verdade?

E usa para isto dois elementos básicos: **PALAVRA = (Notícia, Boa Nova) e AÇÃO = (Testemunho).**

E disso nascem os elementos principais para a autenticidade, para o caminho da verdade, e, quem sabe, para a explosão luminosa da fé mesmo. À fé se chega também: **a)** PELA FORÇA DA NOTÍCIA: impacto, autenticidade, imediatismo **b)** PELA FORMA UTILIZADA: instrumentos, discursos... **c)** PELA CREDIBILIDADE QUE SE INSPIRA COMO TESTEMUNHA: um comunicador veraz, com autoridade, líder...

Daí que, ao que nos parece, os Meios de Comunicação Social não são essencialmente veículos para transmitir fé, religião e quaisquer outros tipos de transcendências... Mas apenas instrumentos que preparam o campo para que outros veículos depois propaguem a fé.

Em si, os meios de comunicação social, são um serviço à comunidade. Formam a opinião pública, orientam as idéias para tanto, informam a massa, entretendo-a com música, notícias, amenidades, suavizando a crueza do quotidiano e dando sabor à vida. Mas podem também colaborar na mensagem libertadora do homem, veicular programas que sublimem a pessoa, criando clima para a catequese e a salvação.

Parece-nos, portanto, que os programas de sustentação, de conscientização que questionem os fatos e as realidades, que apelem para o senso crítico, que **levam à busca de respostas** teológicas são mais condizentes e afins com a origem dos órgãos e meios técnicos da comunicação.

Enfim, **OS MEIOS MASSIVOS** são menos aptos para evangelizar. **OS MEIOS NÃO MASSIVOS,** estes permitem uma formação "em profundidade." São insubstituíveis para a Catequese e para a Evangelização.

Se os meios de comunicação em virtude de sua estrutura não são aptos a comandar uma catequese plena, no verdadeiro sentido, ao menos, podem e devem sustentar indiscutivelmente o trabalho da Igreja e assessorar toda a obra de evangelização.

Uma atitude passiva ou a simples omissão neste campo, hoje, pode constituir uma culpa perante Deus, afirma Paulo VI. A mensagem evangélica, através dos Meios de Comunicação Social deverá chegar à multidão de homens, e com a capacidade de penetrar na consciência de cada um desses homens, de depositar no coração de cada um deles as sementes da graça e fé, como se cada um fosse de fato único em ordem a uma adesão e a um compromisso realmente pessoal ... (E.N. 45).

4. Dificuldades

Todos ficamos estarrecidos diante de veículos tão poderosos, especialmente a televisão. Ao passo que a estratégia do desenvolvimento, da educação e da formação de uma consciência de comunidade nacional e outros elementos humanos, culturais e cristãos estão tão ausentes! Estamos sentindo, no momento pelo menos, que a máquina da comunicação nacional está acionada para outros interesses, particularmente políticos e econômicos.

O continente latino-americano conta com o maior número de transmissores, e, conseqüentemente, com mais horas-rádio à disposição. Mas se formos olhar o esquema de programação, a preferência é pelo entretenimento: música, novelas, humorismos... quer dizer: **alienação.**

O caso da televisão, considerada por planejadores que a levam a sério, seria um instrumento preciosíssimo na atual fase de mudança do Brasil, especialmente no que toca aos conflitos gerados entre a cidade e o campo. Na América Latina, a radiodifusão comercial é intensiva. Há geralmente abundância de transmissões de informações de caráter urbano, que serve apenas para reforçar os hábitos do consumidor, mas que pouco ou nada se interessa com o desenvolvimento rural e a promoção dos marginalizados.

Depois, ainda, o sistema de competividade em que está instalada a televisão. Dada a permissividade comercial e a concorrência, o faturamento é a grande meta, e o "ibope", seu fiel da balança. E sob este ângulo, que peso faz um programa religioso ou de catequese, feito de Ave-Marias, horários de Missa e avisos Paroquiais apresentados sem técnica, sem competência e sem suporte financeiro?

O que poderia ser um instrumento eficaz numa estratégia de mudança, de decisão nas idéias que revolucionam o momento brasileiro, apenas é um veículo transmissor de mensagens alienadas, isto é, alheias às necessidades concretas da audiência do grande público.

O que poderia ser um instrumento eficaz numa estratégia de mudança, de decisão nas idéias que revolucionam o momento brasileiro, ape-

nas é um veículo transmissor de mensagens alienadas, isto é, alheias às necessidades concretas da audiência do grande público.

5. O que existe

O que existe é um campo aberto, convidativo, maduro, algumas ótimas experiências e a boa vontade de todos (e isto é ótimo). No Terceiro Mundo, especialmente no Brasil, a Igreja é uma força, mas que ainda não marcou presença nos meios de comunicação social. Aliás, é totalmente compreensível esta timidez: há restrições de toda parte.

Temos, sim, a nosso favor a Verdade, a coragem que nos leva a não recearmos mesmo tribunais, prisões ou catacumbas e em tudo isso e sempre a capacidade de lançarmos ao público a MENSAGEM: descomprometida, libertadora, perene contra a qual "nem as portas do inferno prevalecerão..."

Temos exemplos luminosos de programas semanais, de Pronunciamentos, de Cartas Pastorais, Circulares, Documentos, de "Voz do Pastor" de Cardeais e Bispos brasileiros que, de uma assentada, decidem a opinião pública e abalam a estrutura de qualquer filosofia.

Há aulas radiofônicas de catequese, de educação e de valorização humana que se adotados pelo ensino oficial em muito modificariam a cultura, os hábitos, os costumes, a crença e a fé de nossa gente. Só no Rio Grande do Sul, nas 126 emissoras gaúchas de rádio, há quinhentos programas religiosos semanais.

Temos exemplos da própria Missa pela televisão, que, segundo técnicos e profissionais, mesmo como programa, qualquer estação do mundo gostaria de ter. E não esqueçamos que, no Brasil, até o momento, as maiores concentrações em igrejas, praças ou estádios foram realizadas por motivos religiosos, manifestações de fé, procissões, etc.

É muito pouco o que estamos fazendo perante o volume de empreendimentos, crescimento, novas frentes que agigantam a nossa pátria. Ainda não decidimos entrar plenamente, "prá valer" no "DESAFIO BRASILEIRO".

Não é o caso de "termos" os meios próprios, mas as estruturas morais para a plataforma da Mensagem evangélica. Nossa força jamais foi humana ou material, e nem o será agora pelas Comunicações, e sim, pela nossa coesão, planejamento, martírio, paixão pela Verdade. Portanto, o elemento interno, o elã da unidade e da fé, o fogo do Espírito que nos leve a proclamar "oportuna e inoportunamente" a Boa Nova do Reino. Nos meios de comunicação não queremos nem devemos ocupar o lugar dos profissionais, mas criar centros de orientação capazes de influir, através dos leigos e profissionais, na formação da opinião pública e prestar toda sorte de assistência aos que trabalham nesse ramo. Em qualquer campo de trabalho em que estivermos, faz parte da nossa pastoral moderna, conscientizar, mentalizar pela arte de comunicar as três forças mais influentes que ainda estão em nossas mãos: a Igreja, a família e a Escola.

VÁRIAS FORMAS DE FAZER CATEQUESE PELOS RELIGIOSOS

Martien Groetelaars
Fortaleza, CE

Introdução

No mês de outubro de 1977 houve o Sínodo dos bispos em Roma que tratou da catequese, mormente de crianças e de jovens. Fez-se um questionário sobre o assunto em 1976, enviado para todos os bispos em que os responsáveis da preparação do Sínodo procuram "sondar" opiniões. O assunto é importantíssimo e vasto. Desde Santo Agostinho está se tentando catequizar "os rudes" e o trabalho ainda não terminou. Pretendemos neste artigo dar algumas reflexões sobre **"várias formas de fazer catequese para os religiosos".** Pode ser que um ou outro encontre algo que o ajuda na sua tarefa e vocação de transmitir aquilo que fundamenta sua existência cristã e religiosa.

1. Os diversos significados do conceito "catequese"

Uns dez anos atrás, pregamos uma missão numa destas localidades praieiras no Nordeste do Brasil onde há duas comunidades: uma dos veranistas e outra do povo local. Fomos convidados para almoçar na casa de um advogado, filho de italianos. Conversando sobre a pouca participação do povo local, disse o nosso amigo: "É isso mesmo, mas já melhorou muito aqui desde que os Irmãos Maristas passam suas férias aqui. Mas é preciso continuar a catequese dos índios daqui". No caso: pescadores.

Fatos deste tipo poderiam ser contados por qualquer pessoa que já tentou **seriamente** "fazer cateque-

se". Denota-se na história uma surpresa no escritor pelo fato que não esperava este tipo de informação, partindo da suposição que missão (missão popular) é um trabalho de renovação da Igreja e não um trabalho de catequese e missão de um povo que tem outra religião.

Surpresas deste tipo obrigam a voltar às origens dos diversos conceitos e mais ainda às origens daquilo que fundamenta uma atividade da Igreja (no caso a catequese).

1.1. O significado original da palavra catequese

Catêchein significa na língua grega deixar ressoar de cima. Encontra-se na palavra nosso conceito **eco**. Parece com a palavra **ecoar,** "reproduzir-se ao longo do tempo e do espaço", "tornar-se célebre". A comunidade primitiva cristã tomou esta palavra para indicar a **instrução** dos catecúmenos nos mistérios cristãos. Sabe-se como aos poucos se desenvolveu toda uma instituição para preparar os adultos para a recepção do batismo, sacramento de fé. O termo instrução é bastante ambivalente. Um Karl Rahner falaria em uma preparação mistagógica, isto é, uma iniciação pedagógica cristã nos mistérios da fé. O pai de Santo Agostinho ficou a vida toda catecúmeno por não querer ou poder assumir os compromissos da fé. (cf. **Catholica** 1. Fonte de informação para a vida católica, em holandês, 1969. Verbetes: **Catechese** e **Catechumenaat.**

Na palavra catequese ouve-se ainda o **eco** da boa nova. Aos poucos o termo passou a significar instrução de umas tantas coisas a pessoas que não sabem o que deviam saber.

1.2. Um pouco de história da catequese no Brasil

Desde o lançamento da "História da Igreja no Brasil" (Vozes 1977, tomo 2), temos à nossa disposição uma obra crítica sobre as peripécias da catequese no Brasil. Tentam os autores dentro da metodologia moderna da historiografia escrever uma história da Igreja a partir das prováveis intenções de Jesus Cristo, fonte da catequese. Falamos aqui em prováveis intenções no sentido que em última análise qualquer catequese da Igreja oferece sua "doutrina" como procedente de Jesus Cristo, "por quem Deus ultimamente falou" (Hbr 1,2), doutrina essa no entanto captada e vivida por gente deste mundo que não pode deixar de "projetar" intenções sócio-culturais num Ser humano-divino que transcende, de qualquer maneira, o tempo e espaço cultural. Com outras palavras, diante da vida de Jesus de Nazaré qualquer interpretação é uma tentativa que nunca termina.

É impossível resumir aqui a história da catequese no Brasil. A impressão geral é que se tratava de tentar aculturar os Índios à cultura "cristã" portuguesa, considerando os portugueses "puros" como cristãos que precisavam de uma conversão moral, mormente na ética sexual e de justiça até certo ponto. Catequese para o português e brasileiro-índio e escravo não pertenciam a nenhuma nação. De certo modo consistia em aprender certas noções que faziam parte da cultura geral.

1.3. A "ilusão catequética" de Nina Rodrigues e resultados de pesquisas recentes

Lendo autores como Eduardo Hoornaert (**Verdadeira e Falsa Religião no Nordeste.** Editora Beneditina, Salvador 1973), R. Azzi, Bruneau fica-se com a impressão que no começo deste século, mormente sob a orientação de Cardeal Leme, se levou um **susto enorme** com relação a situação da Igreja Católica do Brasil. Nina Rodrigues, médico legal em Salvador, Bahia, começou a estudar as religiões afro-brasileiras e fala numa "ilusão catequética" (cf. Padre Cintra, em **Macumba, Cultos afro-brasileiros**, Paulinas, 1976. Passim). Emitiram-se pastorais para incentivar a catequese do "povo ignorante e supersticioso". No fim da sua vida, o Cardeal da Silva, arcebispo-primaz do Brasil, reconhece numa pastoral que as tentativas de uma catequese renovada praticamente fracassaram (não encontrei mais o documento, mas Thales de Azevedo se refere a ele nos seus estudos sobre a Igreja no Brasil).

Com a criação de **Ceris,** começou-se a investigar sistematicamente o catolicismo no Brasil. Após uns estudos de estatística religiosa (Deelen), tentou-se descobrir o **conteúdo** desta fé, ou seja o conteúdo da fé dos católicos. Temos um estudo de Rangel e Medina sobre a fé do povo numa favela em Rio de Janeiro, sobre a catequese feita por um colégio de irmãs do Rio nas mesmas favelas. Outra pesquisa trata da "transmissão de valores religiosos e conflito de gerações". O resultado de tudo isso é, em termos gerais, que não há catequese que merece este nome, apesar de toda boa vontade e generosidade das pessoas empenhadas. (cf. Medina e Oliveira, **Autoridade e Participação,** Vozes 1973. Bibliografia exaustiva). Quer dizer, não há transmissão nem de valores cristãos, nem de conhecimentos cristãos. Há "constelações culturais" diferentes onde palavras, comportamentos, atividades não são interpretadas conforme a expectativa do catequista.

1.4. Uma "suspeita" sadia, fonte de uma consciência crítica

Na linha das pesquisas de **Ceris,** é interessante ainda indicar a pesquisa de Dr. Pedro de Oliveira. Examinou ele o que poderia ser "catolicismo popular". Por causa de pressupostos teológicos, anticonciliares, chegou à conclusão que o catolicismo popular se caracteriza pela constelação devocional e protecional. Significa que os católicos do Brasil se relacionam com o "Sagrado", conceito este anticonciliar conforme minha opinião, em termos de devoção-seria individualista — e pedir proteção — igualmente individualista e um tipo de religiosidade infantil. Nesta linha de pesquisas continuou-se até, digamos 1976, quando houve a primeira semana teológica sobre Catolicismo Popular (cf. Revista Eclesiástica Brasileira, março 1976). Descobriu-se nas diversas exposições como a problemática não é fácil. Cada um dos introdutores traz consigo seus pressupostos filo-teológicos, às vezes muito claros, às vezes confusos. Não se pode negar o caráter científico das diversas abordagens, mas pergunta-se: o que é vivência cristã e como transmití-la?

Diante disso, vem uma "suspeita" sadia, fonte de uma consciência crítica.

Entendemos por "suspeita" sadia uma atitude de desconfiança normal com relação a qualquer abordagem científica do "fenômeno religioso". É fato conhecido que os grandes pesquisadores da sociologia religiosa como um Max Weber e um Durkheim pessoalmente não tinham o que chamamos de fé cristã. Pergunta-se, diante disso, um Joaquim Wach, se é possível poder entender o significado de um significante religioso em toda a profundidade? (cf. R. Alves, **O Enigma da Religião,** Vozes, 1975).

Com outras palavras — no caso de um catequista —, uma pessoa que se sente impulsionada para "fazer catequese" precisa ter a **coragem** e a **honestidade** de questionar seus próprios pressupostos filo-teológicos no sentido **ideológico,** imitando o Cristo que **"exinanivit semetipsum"** (se despojou).

Esta última observação nos leva ao conceito "consciência crítica". Já temos uma biblioteca para nos dizer o que é ou pode ser consciência crítica. A confusão é grande. Muita gente quer conscientizar os outros. Por exemplo: quer dizer a um pobre o que é ser pobre, a um moribundo, o que é morrer, a uma mãe o que é ter dez filhos. Na ironia dos exemplos podemos sentir como nós muitas vezes queremos impor nossas idéias a pessoas que estão num outro "lugar" (Hoornaert). Em tratar-se de catequese, dialogar com uma pessoa sobre Jesus Cristo e sua maneira de viver, temos que arriscar nossa fé nEle e na comunidade que Ele formou e congregou em torno de si e continua formando e congregando em torno de si, guiado pelo Espírito de Deus (Espírito Santo).

Consciência crítica neste caso tem "um modelo", até vivo que nos interroga constantemente.

No caso dos religiosos trata-se também do seu compromisso pessoal e congregacional, expresso nos três votos, já uma determinada forma de viver o evangelho, uma opção fundamental entre outras opções possíveis. A consciência crítica já está, de certo modo, "teleguiada" para valores existentes na própria vida e na vida dos outros, que tem como fonte a figura concreta de Jesus Cristo.

2. A catequese é um problema eclesiológico

Fala-se em primeira e segunda evangelização (Sínodo dos Bispos de 1973). A catequese seria uma segunda evangelização no sentido que existe uma certa pertença à Igreja. A história da catequese também indica este ponto, pelo menos em tese. Esta colocação é importante para não confundir o aspecto pastoral e missionário da Igreja.

A catequese supõe, de qualquer maneira, uma pertença à Igreja. Pessoas que passaram para uma outra igreja ou seita, não são "objeto" da catequese e sim da ação missionária ou ecumênica. Uma pertença sociológica, cf. todo o problema da cristandade — não exclue certa abertura para a catequese, por mais problemática que esta pertença seja.

2.1. O que é a Igreja: tipos sociológicos e históricos

Fala-se em movimentos **trans-confessionais.** Significa isso que se observa nas diversas igrejas católica e evangélicas que há grupos que se entendem melhor com os outros em certos pontos do que com os membros da própria Igreja. De outro lado, não há passagem de uma igreja para outra. Uma espécie de fidelidade profunda à origem da própria Igreja faz com que não se faça uma nova opção fundamental. Parece que esta última já foi feita, levando em conta as fraquezas e até pecados da própria Igreja, tentando renovar a própria Igreja numa espécie de visão escatológica.

Dentro desta perspectiva podemos colocar os estudos de tipos sociológicos e históricos da Igreja Católica no Brasil (cf. REB, março de 1977: igreja-cristandade, igreja-sociedade perfeita, igreja-povo de Deus, igreja romana, igreja patriarcal, etc.). Os sociólogos de religião seguem, às vezes, a mesma tipologia, colocando-a no tempo presente como "sobrevivências" do passado ou simplesmente como forças atuais (Bruneau: progressistas ou conservadoras).

Um leigo simples perde-se, quase por completo, nesta "linguagem". Valoriza-se, por exemplo, o papel do leigo na Igreja Colonial e Imperial e desvaloriza-se a Igreja Romana, cujos portadores queriam "purificar" a Igreja do folclore, processo já iniciado nos fins do século XVIII e começos do século XIX (cf. proibição da dança de São Gonçalo em Recife e Salvador, Luís de Camara Cascudo. Dicionário do Folclore Brasileiro), devida às visitas dos **ingleses** ao Brasil.

Parece-nos que se pode resumir toda a problemática àquilo que a Igreja Católica fez no Concílio Vaticano II. Em "Lumen Gentium" temos uma auto-reflexão (a primeira deste tipo) da Igreja sobre si mesma.

2.2. Pertença "consciente" à Igreja

Já faz dez anos que se findou o Concílio Vaticano II. Ainda há padres e leigos que nunca leram as constituições dogmáticas deste Concílio. Fora disso há algo com a pertença "consciente" à Igreja. Um arcebispo Lefebvre que participou do Concílio acha, penso que conscientemente, que a Igreja se desviou da verdade original. Hans Küng acha que Roma devia ter mais paciência com Lefebvre. Em torno destes dois nomes poderíamos colocar inúmeros católicos que de forma alguma correspondem ao esquema psico-social de católicos conservadores e progressistas. Na crise de identidade que apontamos fica uma coisa clara. Todos fazem questão de fazer parte da Igreja.

2.3. Ninguém dá o que não vive

Num tempo em que a psicologia da profundidade (Freud c.s.) se popularizou e palavras como autenticidade, vivência são usadas a torto e a direito, torna-se difícil não cair numa das três chamadas filosofias da suspeita: Marx, Freud, Sartre. Todo o mundo tem medo de ingenuidade (a famosa consciência ingê-

nua). Diante disso, Paul Ricoeur fala em "segunda ingenuidade" ao tratar-se de convicções religiosas (Concilium nº 1, 1973).

Parece-me que nesta segunda ingenuidade — consciente ou não consciente talvez não tenha tanta importância, uma vez que é extremamente difícil detectar a própria fé de uma pessoa — temos que colocar a vivência evangélica no sentido eclesial da palavra. Trata-se de uma vivência da fé cristã em toda a profundidade. Normalmente o povo sabe quem é sincero, honesto e "limpo" nas suas intenções e vida.

Na vida religiosa observa-se a mesma coisa. Na chamada vida consagrada onde o voto da pobreza, de castidade e obediência manifestam ou devem manifestar uma opção fundamental com relação ao evangelho de Jesus Cristo, a vivência adulta dos votos manifesta a fé da pessoa. Sendo interrogada sobre o porquê dos votos, a pessoa, se quiser, pode responder (no caso uma resposta tem sentido). Muitas vezes não precisa nem falar, porque a vivência é patente.

No caso de uma catequese explícita — o típico da atual catequese — os religiosos que querem fazer pastoral e ensinar religião devem poder expressar e verbalizar o que movimenta sua vida. Os religiosos que não sabem falar, mas que vivem profundamente seus votos, podem fazer uma catequese de presença. Não é aconselhável que se aventurem em aulas de religião, em presidir em círculos bíblicos, onde se exige, além da vivência também uma capacidade de verbalização adequada a qualquer nova situação.

Nesta vivência e verbalização está implicitamente a pertença consciente à Igreja. Quer dizer, não se compreenderia que um religioso, sem mais nem menos, vá participar de sessões espíritas, candomblé, igrejas pentecostais. Não se exclue a presença de Deus nestas religiões, mas um chamado ecumenismo deste tipo, não é ecumenismo mas fonte de confusão.

2.4. O problema da comunicação

Muita gente já fez um curso de "decodificar" uma mensagem. Acontece que depois do curso continua-se falando e escrevendo da mesma maneira. A "conscientização" pifou. Fala-se em Deus, Nosso Pai, nossa Senhora, nossa Mãe, nosso Pai, São Bento, etc. Quer dizer: pode se **supor** que a pessoa que continua usando termos antigos com uma visão interna nova, sabe o que está dizendo. Mas o "auditor", o "ouvinte". o "percebedor" não fez um curso ou cursinho de lingüística e continua ouvindo a mesma mensagem dentro do seu "Sitz im Lebem", seu contexto, seu lugar. Surpresas depois da aula, da pregação, do círculo bíblico, não podem ser rejeitadas.

Lembro-me como um agente pastoral preparou durante quinze dias em várias reuniões um grupo de Legionárias de Maria para uma celebração solene do sacramento dos enfermos. Foi dito que pessoas, seriamente doentes, poderiam ser levadas à Igreja — caso fosse possível — para uma celebração comunitária do sacramento dos enfermos. Uma pessoa, já velha sem oportu-

nidades de ir à missa. Na hora da solenidade veio praticamente a igreja toda para receber, não o sacramento dos enfermos, mas a "bênção do sacramento dos enfermos". Gente, até sadia, mas sofrendo qualquer incômodo, se apresentou para receber o sacramento, na esperança que o sacramento cura. Não faltou informação verbal sobre o sentido do sacramento, mas faltou toda uma comunicação mais profunda.

Exemplos de falta de comunicação nestas profundidades são legiões. (cf. M. M. Lenz s.j. **Evangelização no Brasil hoje**. Loyola, 1976).

3. Os vários Brasis

Lambert publicou uns anos atrás um livro sobre "Os Dois Brasis". Baseando-se em dados sócio-econômicos de emprego, renda, número de fábricas, etc., acha que o Sul do Brasil é desenvolvido e o Norte e Nordeste subdesenvolvidos, ou seja, há dois Brasil, um no Sul e outro no Norte e Nordeste. Fora da extrema ambivalência do termo desenvolvido e subdesenvolvido, como se dados econômicos pudessem dizer alguma coisa sobre respeito profundo pelos direitos humanos, sabe-se que o Brasil é um país que se caracteriza por uma extrema heterogeneidade quanto às formas culturais. A única coisa comum seja talvez a fronteira e a língua. Por dentro disso, encontram-se cultos afro-brasileiros, mais africanos que na própria África para dar um exemplo só.

Diante disso, podemos falar em vários brasis.

3.1. Ambiente, cheio de "sincretismos" e "ecletismo"

Entende-se por sincretismo uma mistura, externa e interna, de cultura imaterial. Normalmente pensa-se em gente "simples e supersticiosa" que mistura um elemento religioso com outro. O sincretismo dos esclarecidos chama-se ecletismo. Trata-se da mesma falta de coesão doutrinária interna.

Neste ambiente, observa-se entre os intelectuais — se estou bem informado, um Guimarães Rosa e Lauro de Oliveira Lima, foram e são membros do círculo esotérico de pensamentos — uma abertura enorme para as chamadas religiões espiritualistas (Procópio Camargo, Católicos, Protestantes e Espíritas, Vozes, 1974).

A Revista "Isto é" escreve: "O divórcio vence a Igreja" (nº 26, 1977). Um Dr. Armando Cavalcante Bandeira se confessa cristão e umbandista de convicção, incluindo a fé na reencarnação (Macumba, o. c.). A nova revista, "Religião e Sociedade" (Ed. Hucetec. Mai. 1977) escreve no seu editorial que aceitam até teólogos (porque não) para discursar sobre temas de religião e sociedade, excluindo qualquer sectarismo, no entanto. Poder-se-ia dizer, a chamada "identificação parcial" com o cristianismo é patente. Escolha-se aquilo da "verdade" o que combina com a própria convicção ou opinião. Não se sabe o que é cultura geral e cultura particular ou específica. Diz o povo da ilha de Itaparica (Bahia): "Somos todos católicos,

mas nossa fé é diferente". (Trata-se de membros de cultos afro-brasileiros. cf. M. Groetelaars: **Trabalho pastoral em perspectiva missionária**, REB, dez. 1976).

Observa-se ultimamente como especialistas em sociologia de religião, simplesmente identificam religião e ideologia, como se não devessem distinguir entre relação transcendental com Deus (um Deus Real), formas culturais ou expressões culturais desta relação, e traços ideológicos (interesses sócio-culturais) como um Roger Bastide faz em "As Religiões Africanas no Brasil".

3.2. A presença da Igreja nos vários Brasis

Indicam-se 12 modelos da Igreja no Brasil, variando do catolicismo colonial até o catolicismo-povo de Deus do Vaticano II (Azzi). Thomas Bruneau em: "O catolicismo Brasileiro em época de transição", Loyola 1974, define de certo modo a Igreja por sua influência real na transformação da sociedade. Aponta ele as "experiências" de quatro dioceses como uma "presença eclesial" que corresponde com o objetivo da Igreja. Poder-se-ia dizer que depois de 1973, o estudo de Bruneau vai até este ano, o movimento de comunidades eclesiais de bases, todas elas orientadas pela Igreja, tomou um vulto enorme. De outro lado fica a pergunta qual é a influência real destes movimentos: os posseiros, índios e povo marginalizado têm possibilidades reais de construir sua tenda neste mundo ou ficam sendo condenados a peregrinar quais outros Abraãos como um Ruben Alves vê a Igreja em exílio? Poder-se-ia perguntar: A Igreja tem influência no sindicato dos motoristas, choferes de táxi, etc. etc.?

3.3. A presença dos religiosos neste "mundo"

Nos vários Brasis encontramos cada vez um outro mundo. A presença dos religiosos no mundo do ensino e de hospitais é patente. Não há no entanto dados duros sobre a influência real desta presença. Muitas instituições de ensino e saúde tornaram-se, se não eram, verdadeiras empresas onde uma inspiração cristã do "negócio", é avaliada muitas vezes pela capacidade organizadora dos responsáveis: bom funcionamento, disciplina, número de alunos que passaram nos exames. Quer dizer, a avaliação desta presença — inegavelmente baseada numa inspiração apostólica e caridosa (reduz-se a **ensino bom** e **disciplina boa** sem questionar o conteúdo do ensino e a formação cristã dos alunos). Não se contesta aqui o esforço pelos diversos órgãos neste sentido, mas se pergunta se é possível "evangelizar" uma empresa que nestas alturas deve obedecer a orientações organizacionais, friamente calculadas por uma filosofia neopositivista? No mundo dos hospitais e saúde pública há o mesmo problema. Não é segredo para ninguém como há simplesmente duas verdades com relação à ética profissional da medicina: de um dado a orientação de "Humanae Vitae, contra aborto provocado, ligação de trompas e vasectomia quase em massa, e a prática de um desrespeito profundo do mistério da vida e da sexualidade.

4. Catequese, diálogo pastoral em vários níveis, a partir de vivências profundas

Catequese supõe fé cristã no catequista e no catequizando. Indicamos como há vários brasis no sentido de grupos, sub-grupos culturais com outras linguagens e vivências, mas que podem ser enquadrados num dos 12 modelos da Igreja (lembre-se que catequese é um problema eclesiológico). Por isso, seguem as observações seguintes.

4.1. Catequese não é ação missionária, mas supõe alguma identificação com o núcleo central da fé cristã

O típico de uma ação missionária é que se anuncia, digamos pela primeira vez, a Boa Nova do Evangelho. Concretamente poder-se-ia dizer: o anúncio da pessoa concreta e histórica de Jesus de Nazaré, único, hoje presente entre nós como Jesus Cristo-homem-Deus. Denota-se quase em todos os ambientes — exceto as religiões afro-brasileiras onde a ausência de Jesus é patente — uma sensibilidade enorme para com Cristo, mesmo senão se vive conforme as exigências evangélicas.

Diante disso, poder-se-ia dizer: Catequese da Igreja Católica, no nosso caso catequese dos religiosos, tem que basear-se **constantemente** na pessoa concreta de Jesus de Nazaré. O livro de Hans Küng, **Ser cristão** (Imago 1977), é neste sentido uma espécie de Suma Teológica, embora faltem indicações concretas para a realidade brasileira. Indicam-se verdadeiras e falsas identificações com "a coisa" de Jesus. No quarto capítulo ou seja quarta parte, trata da práxis cristã.

Temos no livro, "Firmeza Permanente", "A Força da Não-Violência" (Loyola-Vega 1977) outro exemplo de uma catequese, baseada numa ação evangélica, que se explicita na vida. O núcleo central da fé cristã está presente numa forma radical. Há uma identificação com Jesus de Nazaré, confiando radicalmente também na sua Ressurreição e divindade.

4.2. Diálogo pastoral em vários níveis

Nos vários brasis encontramos várias constelações culturais diferentes. Em todas elas pode haver núcleos de cristãos-católicos ("objeto de catequese"). Pode haver e há. Acontece que muitos religiosos — no nosso caso — deixaram de pertencer culturalmente à comunidade de onde vieram originalmente. Basta lembrar-se de um padre, de um irmão ou irmã que é filho de uma família pobre, talvez até analfabeta. Através das obras de vocações e outros meios conseguiu-se que se "formassem" (o povo fala em formação de padre como se fala em formação de médico como se a ordenação ou o voto fosse algo diferente ou não existente) muitos padres, freiras e irmãos. Ficaram eles às vezes desligados por completo do grupo social de que são filhos. (O fato que não faltam padres para ensinar e sim para a pastoral é significante).

Diante disso, aparece o problema do diálogo pastoral dentro de um

diálogo cultural (Bouilard). Os agentes pastorais falam simplesmente uma outra linguagem e pior falam de um outro "lugar" (Hoornaert). O "Sitz im Lebem" (literalmente:o ser sentado na vida) é diferente. Um religioso, por mais radicalmente ele ou ela vive a pobreza, nunca vai morrer debaixo de uma ponte, nunca vai ser jogado na rua, exceto raras exceções que até alcançaram a imprensa mundial.

Tudo isso indica que é extremamente difícil entender a "fala real" do outro, o significado das diversas expressões, atitudes, comportamentos. Só num diálogo pastoral em vários níveis e a partir de **vivências profundas**, pode se "fazer catequese".

Por vivências profundas entendemos aqui: justiça popular no sentido que o povo simples também sabe o que é injustiça social; fidelidade popular no sentido que o povo simples também sabe o que é falsidade matrimonial e amor conjugal; honestidade popular no sentido que o povo simples também sabe o que é mentira, "enrolação", "tapeação" e "conversa fiada". Não se precisa conscientizar ninguém de juízo certo, mas antes participar do sofrimento que é patente. Nesta participação pode-se dar, às vezes, uma resposta cristã, mas na maioria das vezes recebe-se do companheiro do diálogo uma resposta cristã que torna o agente pastoral **mudo** (cf. Frei Betto, **O Canto do Galo**. Relatório pastoral de uma visita à prelazia do Acre e Purus, REB, 1977, junho, pp. 243-282).

4.3. Suposição de alguma identificação com o núcleo central da fé cristã

Antes de Concílio Vaticano II, os católicos viviam de certo modo como aposentados do Reino de Deus. Havia certezas absolutas em todo o sentido. Veio o exame de consciência cristã do Concílio. Para certas pessoas, este concílio foi simplesmente uma espécie de reajuste de certas coisas não perfeitas. Dizem os sociólogos de religião (Greely), que o que abalou os católicos americanos (dos Estados Unidos da América) não foi tanto a teologia da morte de Deus (algo de leitores de certos livros), nem o Concílio Vaticano II, mas a encíclica "Humanae Vitae", que condenou a famosa pílula anticoncepcional. Poder-se-ia dizer que um problema marginal dentro da "bomba atômica" que é a Boa Nova de Jesus Cristo "mexeu" com a identificação dos católicos.

Observa-se a mesma coisa com relação a chamada "defecção" dos padres e religiosos. Analisando estudos a respeito disso, descobre-se uma confusão enorme. Pululam conceitos psicológicos e sociológicos como "não aceito mais a Igreja como instituição", "a Igreja Institucional faliu". O sociólogo Peter Berger, um dos mais conhecidos sociólogos da religião da atualidade, contesta a invasão de conceitos sociológicos na literatura teológica-espiritual.

Num congresso internacional sobre sociologia religiosa em Haia (se não me engano em 1973) falou-se

da quase inutilidade de uma literatura sociológica religiosa baseada na sociologia da organização. Quer dizer, observou-se que muitos estudos de sociologia religiosa foram feitos na base dos princípios da sociologia da organização e empresa, como se a Igreja fosse em primeiro lugar uma empresa.

Diante de tudo isso, é preciso manter **firme** que é possível ter neste mundo "uma igreja visível", isto é, uma comunidade de fiéis em Jesus Cristo, guiado pelo Espírito Santo, marchando para a casa do Pai, sob a liderança dos bispos e Papa. Falamos em **suposição**, pois quem vai julgar a nossa fé cristã é o Senhor da História, Jesus Cristo. Mas sem uma **suposição**, sadia e normal, da validade da Igreja, da sua **missão,** não se pode trabalhar. Questionar toda a hora — muitas vezes os questionadores revelam depois um alto grau de insegurança emocional — tudo é uma violência à identidade da pessoa.

Dentro desta mesma visão, pode-se pensar nos "Institutos Religiosos" ou "Congregações e Ordens Religiosas". Abordar estas entidades tão só como "entidades sem fins lucrativos", ou "entidades com fins filantrópicos (nome civil no registro civil) é minar na raiz o que fundamenta sua existência concreta que tem uma mística cristã (não uma mistificação ou misticismo). Quem forma uma congregação religiosa não é um estatuto ou livrinho com regras e registro civil, mas são pessoas vivas, moças ou velhas, que fundamentam sua comunidade **num modo de viver cristão**.

4.4. Mãos à obra

Ensina-nos a história eclesiástica que o sacristão, imperador José II, fechou muitos conventos nas vésperas da Revolução Francesa na Áustria e Bélgica. A Revolução Francesa continuou a obra dos déspotas esclarecidos como Pombal e outros. A Igreja Católica saiu arrazada. No tempo da restauração conseguiu-se reorganizar muita coisa. Dizem os historiadores que tudo foi feito sob o égide da "Restauração" e "Conservadorismo". O "Romantismo" seria o motor mais importante, em vez da 'força evangélica'.

Pode-se discutir horas a fio sobre a interpretação e o significado de tudo isso. Fato é que há um grupo de "loucos pelo Reino de Deus" que procuram fazer verdade o que fundamenta sua existência cristã, no nosso caso, os religiosos.

Parece-me que dentro da opção fundamental, dentro da opção, anterior à vida religiosa que é a pertença à Igreja de Cristo, há possibilidades enormes de viver ou tentar viver o Evangelho e também transmitir esta vivência no que nós chamamos de catequese. Modelos concretos podem ser elaborados para cada grupo em particular conforme sua maneira de estar cristamente neste mundo.

Por trás de tudo isso, há uma Utopia Cristã, uma Esperança que nunca morre, concreta e real, nosso senhor Jesus Cristo. Na fé nEle surge também o Espírito de Deus, o Espírito Santo, que inventa formas novas para as diversas situações.

CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA VISITAÇÃO

Ir. Maria Felicidade Martins
Rio de Janeiro, RJ

A Congregação de Nossa Senhora da Visitação, denominada Congregação de Santa Isabel, até abril de 1977, está comemorando seus **50 anos de fundação.** Antes de procedermos à leitura de um pequeno histórico da origem, crescimento e obras da Congregação, queremos trazer à luz alguns poucos dados sobre a vida de duas grandes almas de que Deus se serviu para dar início a esta sua obra, a **Congregação de Nossa Senhora da Visitação.** São elas: Mons. Amador Bueno de Barros e Madre Maria Josefina.

Mons. Amador Bueno de Barros nasceu em Taubaté, SP, a 31 de julho de 1850. Sua vida foi marcada, desde cedo, com os sinais da pobreza e do sofrimento. A vida de privações e de sofrimentos foi o sustentáculo de que Deus, em seus insondáveis desígnios, se serviu a fim de levá-lo a desempenhar difíceis tarefas que lhe eram reservadas.

Mons. Amador, homem silencioso, brilhante na fé, esforçado e abnegado sacerdote, teve como meta principal, em toda sua vida, a formação de crianças e jovens pobres. Constante lutador por causa tão digna, desde os primórdios de seu sacerdócio teve total dedicação à infância e juventude desprotegidas.

Nosso Senhor no SS. Sacramento o atraía. Chegou, por vezes, a pensar em entrar para a Congregação dos Padres Sacramentinos. Mas já alquebrado pela idade e sem coragem de separar-se de suas crianças e jovens, desistiu da idéia e, continuou no silêncio de suas meditações cultuando o Divino Amante. Dedicava filial devoção a Nossa Senhora Aparecida, visitando-a em seu santuário sempre que podia.

Em toda sua vida teve como lema as palavras de Cristo: "Servir e não ser servido".

Madre Maria Josefina do Coração Eucarístico, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 23 de maio de 1873. Pertecendo à alta sociedade, a tudo renunciou empenhando 43 anos de sua vida à criança pobre. Era de grande atividade e incansável na sua ajuda a Mons. Amador no trabalho, com as crianças e jovens, podendo ser considerada a coluna mestra de toda obra pró-infância a que Monsenhor se dedicava.

Reconhecida às suas irmãs, companheiras de ideal, dispensando a todas carinho, zelo e compreensão. Apesar de muito doente, demonstrava sempre otimismo e entusiasmo pela causa que abraçara.

Madre Josefina enfrentou muitos obstáculos nos primeiros passos da Congregação, porém, nunca deixou transparecer em seu sembrante sinais de inquietações ou aborrecimentos que pudessem preocupar alguém. Era de caráter enérgico e resoluto. Possuía, porém, um coração amigo e generoso. Sabia dirigir a todos palavras confortantes e animadoras.

Com o decreto de reconhecimento de sua Excia. D. Sebastião Leme da Cintra, foi a então **Associação Mantenedora da Infância,** elevada à categoria de Congregação Religiosa com o nome de Congregação de Santa Isabel, hoje: CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA VISITAÇÃO, de direito diocesano.

Dentre as devoções particulares da Congregação destaca-se a de Nossa Senhora. Esta devoção remonta às origens da Congregação, cujos fundadores, não só a praticaram com especial carinho, como também procuraram transmitir às suas religiosas. O quadro evangélico da visitação, Lc 1,39-56, é para as congregadas, o maior exemplo de amor-serviço, onde buscam espelhar o seu "servir" ao irmão.

Servir é o carisma da **Congregação de Nossa Senhora da Visitação.** Neste servir tem como meta principal, a educação, em todos os graus, atendendo, sobretudo à classe mais pobre. A espiritualidade da Congregação está fundamentada na participação diária da Eucaristia, no contato com as Escrituras, através da meditação e da leitura da Palavra de Deus, da recitação do Ofício (Tempo Presente), além de outras práticas de espiritualidade.

Como Congregação brasileira que é, está eminentemente inserida no contexto da realidade brasileira. Em primeiro lugar esta inserção se faz sentir já do ponto de vista existencial: seu desenvolvimento no tempo é ainda curto, e no espaço tem sido bastante lento. Do ponto de vista social, é uma Congregação sem grandes pretensões. O anonimato é uma de suas características. É uma Congregação pobre e que vive na humildade, o ideal de seu fundador, cujo nascimento e vida transcorreram na obscuridade.

Na cidade do Rio de Janeiro nasceu a Congregação, cuja **Casa-Mãe** está localizada no bairro da Tijuca, à Rua Mariz e Barros, 612, no **Instituto Isabel.** É no momento, a maior casa da Congregação. Nesta comunidade há um grande número de religiosas que se dedica à formação integral de todo o corpo discente, abrangendo os alunos do Jardim de Infância aos de nível superior.

Desde sua fundação até 1976, o governo da Congregação permaneceu na Casa-Mãe. Por motivos de descentralização e para possibilitar a realização de um trabalho mais eficaz, o **Governo Geral** passou a residir na Ilha do Governador, à Rua Cambuí, 258. O **noviciado** esteve anexo à comunidade da Casa-Mãe por vários anos. Depois, a título de experiência, foi transferido para outras casas sempre dentro da Arquidiocese de São Sebastião. Atualmente se encontra em Jacarepaguá anexo à Comunidade do **Instituto São José,** à Av. Geremário Dantas, 1124. O Instituto São José é uma escola que mantém um Curso de Jardim de Infância e ainda uma pequena Academia de Esportes.

Em Heliópolis, município de Nova Iguaçu, um grupo de Irmãs trabalha no **Lar Escola São Judas Tadeu.** Esta é uma das Casas mais carentes mantidas pela Congregação. A região, apesar da pouca distância que a separa da cidade do Rio de Janeiro, carece de recursos em todos os sentidos. Além do trabalho na escola, algumas irmãs se dedicam à Catequese, auxiliando os sacerdotes em seu ministério apostólico.

A Congregação não se fixou somente em sua finalidade principal, a educação. Seguindo a orientação conciliar, vem se dedicando a outras formas de servir, conforme a necessidade do povo de Deus. Assim é que mantém grupos de irmãs empenhadas na evangelização aqui e também em outras dioceses do Brasil.

No Rio, algumas trabalham no **Conjunto Residencial Pedro I,** em Realengo, exercendo o apostolado nesta região carente de sacerdotes. A Congregação está espalhada ainda pelos estados de Minas e São Paulo, exercendo seu apostolado em Creches e amparo à velhice. Além destes trabalhos, as irmãs se dedicam à pastoral catequética em algumas paróquias.

Fazendo uma análise retrospectiva das atividades da Congregação desde a sua fundação até os nossos dias, verifica-se que ela tem procurado seguir a trilha marcada por seus fundadores. Inserida na realidade dos homens, sofrendo adversidades e oscilações, a Congregação de Nossa Senhora da Visitação, qual pequeno grão de mostarda que, atirado à terra, germina e, aos poucos, vai lançando os seus ramos. É o dom da gratuidade divina.

E é compensador verificar que nestes 50 anos, a Congregação tem procurado, dentro de suas possibilidades, abrigar sobre seus ramos, crianças, jovens e velhos. Qual outra Maria que, saindo de si vai ao encontro do outro levar-lhe, não só o apoio, o serviço, mas sobretudo, o Cristo.

Impregnadas deste espírito Marial tem a **Congregação de Nossa Senhora da Visitação**, procurado levar a este mundo conturbado, uma mensagem de amor e de esperança num Deus que é sempre Pai.

CATEQUESE RURAL

Frei Bernardino Leers, OFM
Belo Horizonte, MG

O termo "catequese rural" é uma generalização abstrata que se relaciona formalmente a uma práxis variada, sem focalizar os fatos concretos ou localizar estes fatos em seu contexto real de tempo e espaço. Teorias e leis facilmente dão a impressão de estarem cercadas duma esfera de ingenuidade, porque participam, voadeiras, da paciência do papel e da transitoriedade da palavra falada, embora talvez formulem coisas extremamente duras e altamente revolucionárias. A práxis, porém, tem sempre seu homem, seu lugar, seu momento ou época. O que acontece e o que se faz na realidade são fatos humanos concretos e singulares, condicionados por situações próprias que mudam pelo agir do homem e pelo acontecer da história. Em seu abstracionismo universalizante, uma reflexão sobre catequese rural não atinge diretamente, mas intenciona pessoas concretas de catequistas e ouvintes, testemunhas e público, agora e aqui, com suas relações humanas, seu meio ambiente, suas condições de trabalho e de vida. É sempre uma situação concreta, densamente humana e histórica, em que o sinal do evangelho de Cristo é colocado, interpretado e transmitido em determinada linguagem e recebido pelo outro conforme seu esquema de ver as coisas.

1. Teoria e práxis

Sob o manto da serenidade aparente, a palavra catequese rural visa aqui uma realidade concreta de cinqüenta milhões de pessoas ou mais, espalhadas por um imenso território, sem muito sistema ou comunicação global, vivendo numa di-

versificação de condições existenciais, mais ou menos humanas, de tipos culturais, de ocupação e produtividade, de estilo de vida, de organização social e liberdade, de práxis religiosa. Mais do que nunca esta realidade se está movimentando, sofre impactos e passa por um processo de profunda transformação que não pára diante de nenhuma dimensão da vida rural, formada numa longa tradição, também não muito tranqüila ou equilibrada. Em concreto, no plano em que o homem escreve sua história, trata-se da professorinha de Buritis, que prepara um grupinho de crianças para a primeira comunhão, de Dona Chiquinha que leva seus filhinhos à reza da novena da Santa Cruz, com fogueira e leilão, do Zezito que de seu jeito fala do evangelho no culto dominical, da "muita gente" que escuta o Padre Vitor falar pela Rádio Aparecida, daquele rapaz que faz o sinal da cruz, mas confessa que não sabe, como "esparramar" as palavras, e mil outros casos passageiros e contínuos, que o povo rural produz.

Pela sua linguagem abstrata, um artigo sobre catequese rural é como uma fotografia mal focalizada desta facticidade variada; limita-se a voar na altura das generalidades que, ao máximo, podem ajudar o entendimento da práxis catequética e estimulá-la. Por isso, seu valor é relativo, pois a práxis é o lugar prioritário, seja ela tradicional ou progressista, moderninha ou atrasada, bem organizada ou entregue ao "se Deus quiser" (1).

Nesse estado de coisas, imediatamente se impõe o respeito sincero para com as pessoas que de fato, cada uma de sua maneira, transmitem algo de sua fé, de suas convicções religiosas e morais aos outros, pelo testemunho de sua fé cristã, pela sua reza que fazem na casa do vizinho, pelos bons conselhos que dão aos filhos, aos parentes, pela mundivisão religiosa que comunicam em suas atitudes e conversas, apesar de que nem tudo talvez corresponda às exigências da ortodoxia clerical ou às novidades da teologia e pedagogia catequética moderna. Ninguém pode dar o que não tem recebido. Talvez a maioria dos católicos não esteja bem consciente do que captou e aprendeu na convivência com seu grupo de pertença, nem sabe formalmente o que vive, recolhe, troca, dá e significa para a edificação dos demais, mas a práxis do intercâmbio, da tradição em seu sentido literal, existe e funciona, forte e fraca, verdadeira e deformada.

O que a crítica deste processo de trocas nem sempre percebe é, que o clero às vezes é mais ligeiro nas mudanças, como João para com Pedro na corrida ao sepulcro do Cristo ressuscitado, e esquece, que, se a configuração católica do povo rural é o que é, a origem está em boa parte na catequese e nas práticas que gerações anteriores do clero tem introduzido com sua autoridade, eventualmente deixaram passar, por falta de pessoal ou de visão pastoral. Mesmo se não houvesse uma justaposição de vários tipos de catolicismo no quadro da atualidade religiosa, Deus tem sempre a chance de justificar a sabedoria popular de que Ele escreve reto em linhas tortas. Nem o iconoclasmo nem a caça aos

hereges servem ao bem da catequese entre um povo que aprendeu a manipular seu jeitismo de maneira inteligente, também no campo da religião.

2. O processo catequético

Na variedade complexa das situações e pessoas que formam e transformam a realidade humana rural, a catequese apresenta uma certa estrutura comum que esquematicamente envolve um "alguém" dando a um outro "alguém" de sua maneira "algo". Catequese significa globalmente o processo pelo qual um católico ou uma comunidade católica comunica aos outros sua fé vivida e testemunhada pela sua práxis cristã na forma do exemplo evocativo de sua vida, de seu ensinamento formal, seu serviço da palavra, ou na base de "um consolo em Cristo, um conforto de amor, uma comunhão em Espírito, uma compassiva ternura, uma procura também dos interesses dos outros" (2), um ato de bom samaritano, um apoio de coragem, uma defesa dos fracos e injustiçados.

Como movimento vital em que Deus mesmo, segundo seu bem-querer, opera tanto o querer como o realizar (3), ela circula entre dois pólos humanos, o catequista e o catequizando, e inclui a mensagem evangélica que o primeiro forma e transmite e o outro recebe, interpreta de seu modo e traduz em sua vida, seja no sentido de conversão e crescimento na fé, seja na forma de resistência, agressividade e rejeição. Geralmente, o povo é considerado simples, que aceita as coisas de bom grado, mas sua teimosia testada e aferida pela vida produz às vezes atitudes contrárias, embora muitas vezes jeitosamente passiva.

3. A santa "paciência"

Na linguagem popular, a palavra catequista costuma ter o sentido restrito duma moça ou senhora que dá catecismo às crianças e as prepara para a primeira comunhão ou coroação de Nossa Senhora. No entanto, o processo da comunicação da fé que continua a realizar a festa de Pentecostes na Igreja abrange um número bem maior de pessoas que catequizam: os padres, cuja formação geralmente é mais teológica do que catequética; os líderes de culto que fazem a leitura e explicam o evangelho ao povo; os pais de família que ensinam alguma coisa de religião em casa e levam seus filhos a participarem duma missa, festa, reza, procissão, romaria; os vicentinos, única organização eclesiástica leiga na zona rural, que visitam os doentes, ajudam os pobres e dão conselhos; a professora que dá ensino religioso na escola, muitas vezes em condições precárias, como todo o ensino rural; outros agentes pastorais, religiosos ou leigos, que trabalham com certa regularidade nas comunidades rurais, fazem campanhas, visitam famílias, pregam missões, dão cursos de noivos, de religião para adultos.

Se os sinais da transformação secularizante no mundo rural não enganam, estes agentes da catequese precisam hoje em dia de uma consciência mais aprofundada e melhor formação "técnica" religiosa. Tradicionalmente, o pequeno mundo da

família e vizinhança formava o veículo principal da continuação da fé nas regiões rurais, enquanto a assistência clerical se limitava muitas vezes às festas do padroeiro e à administração dos sacramentos. Este circuito bastante fechado está perdendo cada vez mais sua eficiência funcional, porque o pequeno sistema da convivência cotidiana fica mais exposto aos novos meios de comunicação e é absorvido para dentro das estruturas maiores de ordem econômica, social e política, cujos centros de decisão estão fora do alcance dos poderes locais e cuja linguagem é diferente e "profana".

O processo informal da transmissão quase automática da fé católica que podia funcionar no pequeno mundo rural tradicional não resiste à entrada confusa de mudanças que se está realizando no campo. O grande mundo do progresso, do desenvolvimento, da civilização ou seja qual for o distintivo que se usa, não é mais aquele mundo conhecido, preso no triângulo de "Deus quis", "graças a Deus" e "se Deus quiser", bem assentado nas mãos da providência divina e coberto pela cúpula celeste. Talvez sem interressar-se por isso, este novo mundo que penetra na zona rural significa um questionamento sério e complexo da esperança cristã que o povo rural levou sucularmente consigo (4).

Nesta situação, uma formação mais adequada e sistemática de agentes da catequese rural se impõe, afim de aprofundar o entendimento da fé e condicionar uma convivência mais autêntica com o mundo de hoje. Esse já era o desejo de São Paulo: "Que o Deus de Nosso Senhor ilumine os olhos do vosso coração para compreenderdes qual a esperança a que chamou, quais as riquezas da gloriosa herança que reservou aos santos, e qual a extraordinária grandeza do seu poder em relação a nós, os crentes" (5). O próprio processo histórico pelo qual passa o mundo campesino intensifica este crescimento desejado e concretiza-o num plano de formação catequética, integrado no plano e na práxis pastoral regional.

A transformação ambivalente, em curso na zona rural, e a prospeção cristã e humana a realizar supõem uma formação explícita e uma orientação contínua dos transmissores da fé católica, deixando, porém, cada um continuar a viver no ambiente em que vive e atua, porque ausências mais prolongadas, especialmente se passadas em centros urbanos, facilmente alienam os catequistas de seu habitat de origem e criam graves conflitos. Quem se acostumou um pouco à vida relativamente confortável, variada e atraente da cidade, dificilmente se readapta às condições rurais comuns. Se como dizem, a escola rural apenas prepara a saída para o centro urbano, também a formação do líder religioso incorre este risco, que talvez possa ser uma vantagem para a paróquia urbana, mas cria instabilidade na comunidade rural.

Geralmente, esta formação se realiza em centros paroquiais ou diocesanos, sob a direção de elementos que não vivem nem trabalham no campo. De fato, este tipo de centralização é como uma espada de dois gumes, porque pode tanto trazer as vantagens do aprofundamento e

da intensificação da fé dos participantes como enfraquecer a boa vontade de muitos diante da inércia, incompreensão ou prepotência da liderança central. Por isso, a educação há de intencionar a maturidade dos cristãos e sua autonomia relativa de iniciativa e ação, em vez de criar apenas eternos dependentes. A esfera de liberdade e abertura, em que diálogo e crítica são mais do que palavras enganadoras e vazias, porque são exercidas e praticadas, não é capaz de substituir a autoridade, mas ajuda muito o relacionamento entre a liderança e os liderados a caminho de se tornarem, por sua vez, líderes em seus próprios núcleos de ação e vida.

O sistema de apoio de que o agente precisa para se firmar está mais concentrado na própria comunidade eclesial de base e nas reuniões dos responsáveis locais do ensino e da promoção humana (6). Pela união no plano local, que cria raízes pela colaboração em objetivos práticos e valoriza tanto o antigo método da transmissão familiar, como a novidade da escola e da comunidade eclesial, a transmissão da mensagem evangélica pode enfrentar melhor os muitos "espíritos" da transformação atual.

Em vista do traço bastante feminino do catolicismo tradicional, a política da seleção de candidatos deve tender a equilibrar o número de homens e mulheres. Ao menos em muitas regiões rurais, a participação feminina nas práticas religiosas é maior do que a dos homens. Se e enquanto este fato é condicionado pela situação social e familiar da mulher no campo, que na religião encontraria como que uma forma de liberdade, consolo e recompensa, e pela dominância da estrutura clerical, masculino no catolicismo latino-americano, não pode ser aprofundado aqui. Na opinião pública, a mulher reza e o homem acompanha a religião; a mulher tem muita fé, o homem é bom, mesmo se não liga muito a "este trem de padre e reza"; frequentar a capela e as novenas é condição favorável para moça casar, enquanto o rapaz há de ser trabalhador e honesto. Talvez não seja dificil indicar até qual ponto a "feminização" da religião católica em sua configuração concreta tradicional, sob o poder do clero, influencia o distanciamento dos homens que não se sentem bem à vontade diante de tal tipo de doutrina e práxis, mas a transmissão predominantemente feminina da religião às novas gerações repercute de maneira unilateral, até negativa, e afasta especialmente os rapazes na adolescência de sua emancipação pessoal.

A participação equilibrada de homens e mulheres no sistema da comunicação catequética é o caminho mais acertado, embora declarações recentes do magistério da Igreja continuem a colocar as possibilidades da promoção feminina ao nível do ministério eclesiástico no banho-maria das especulações inócuas. Conforme a própria estruturação familiar das comunidades rurais, natural é atrair os casais católicos para atuar na catequese, mais do que os indivíduos, pois em qualquer trabalho apostólico não só a pessoa por si é envolvida, mas também seu companheiro, sua companheira, seus familiares sentem as reações deste envolvimento

na sua convivência de casal, de família em casa. A visão clerical enxerga mais facilmente ou o povo-massa ou o indivíduo isolado; a vida dos leigos está mais interligada ao núcleo social das pessoas que formam sua casa e sua família.

Motivar os catequistas, levando-os a se conscientizarem de sua missão responsável, não significa a transferência cômoda para eles das tarefas da educação da fé que o clero, os pais, a Igreja, povo de Deus, têm e precisam cumprir, realizando-se a si mesmos pelos sacramentos e a prática das virtudes. Toda a comunidade dos batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, é consagrada como casa espiritual e sacerdócio santo, para produzir bons frutos, dar testemunho de Cristo por toda parte e explicar as razões de sua esperança da vida eterna aos que o pedirem (7). Catequese não é um sistema modernizado de farisaísmo que amarra pesados fardos nas costas dos outros, sem querer movê-los com o dedo (8). Mesmo se o ensino religioso é obrigatório nas escolas rurais, a orientação e instrução das professoras exigem tempo, conhecimento teológico e capacidade de comunicação da parte do clero local e a colaboração dos pais e da comunidade de base. Muitas vezes por falta ou omissão do clero e pelo atraso e a ignorância do ambiente, o catequista fica sobrecarregado com uma tarefa, mais árdua pelo processo bastante rápido de transformação de mentalidade que se está realizando no mundo rural.

Doutro lado, a insistência no fato de que todos são apóstolos e catequistas facilmente desmotiva e esvazia a "consciência profissional" dos catequistas. Dentro da vocação global eclesial, cada um tem sua parcela a fazer e é uma só pedra viva ao lado de tantas outras que juntas constróem o templo de Deus. O crescimento do corpo de Cristo é acionado segundo a função de cada parte, sem monopólio de ninguém nem sobrecarga para ninguém (9). Há necessidade de coordenação entre os muitos que são ativos em trabalhos de apostolado, promoção humana e assistência na zona rural. Mas para ser apoio verdadeiro, esta coordenação há de deixar liberdade e autonomia a cada um, sem querer estender o braço do poder clerical sobre todas as atividades. Este poder é tradicional no sistema de vida do campo pelo Brasil inteiro, mas seria agora tradicionalismo, como paramento velho, comido pelo cupim.

2.2. A pessoa do catequizando

Esta pessoa se apresenta quase sempre no plural e em estado de criança. Culto, batizado, primeira comunhão, catecismo, casamento, missa de sétimo dia, festa, como lugares da catequese, contam com públicos assaz numerosos e diversificados em idade e entendimento da fé. Enquanto os primeiros catecismos dos tempos modernos, tanto da parte dos reformadores, quanto da parte dos católicos, se dirigiram intencionalmente ao clero para servir de manuais práticos ao ensino dos adultos e, por meio deles, das crianças (10), a situação atual do campo parece ligar o catecismo mais às crianças que, já batizadas, precisam ser iniciadas na prática da fé, conforme sua capacidade mental e imagi-

nação infantis, pois "quando eu era criança, falava como criança, sentia como criança, pensava como criança (11).

São Paulo confessa, que quando se tornou homem adulto, fez desaparecer o que era de criança, mas esta libertação para a maturidade pessoal da fé não é um processo automático de crescimento físico. O fato de que na zona rural tanta primeira comunhão é praticamente a última já demonstra, que para muitos a fé estagna na entrada da adolescência que também no campo se torna cada vez mais uma crise, de modo que a continuação da práxis social da religião está marcada por certo infantilismo e facilmente chega ao fim, se o católico emigra para outras áreas, principalmente urbanas, onde não reconhece seu grupo de origem e, por isso, não segue mais os comportamentos deste grupo, também no que diz respeito à religião.

O grave problema é a catequese de adultos. Os adultos, fisicamente adultos, são os que mais sofrem e se desorientam na crise das mudanças culturais, morais e religiosas, enquanto a curiosidade das crianças nasce e cresce sem conhecer o Brasil rural de ontem. Para estas é apenas novidade o que para os mais idosos significa a problemática da transição do sistema tranqüilo e firmemente construído que era uma vez, para um sistema que por agora em boa parte é incerto e dá pouca confiança. O estilo antigo de vida, de Deus, pecado, reza, penitência, festa, em que céu e inferno, diabo e santo cercavam a existência cotidiana de trabalho, casa, propriedade, venda e compra, namoro, casamento, filhos, costumes e normas regionais, não só encontra resistência da parte da juventude, mas cria conflitos entre pais e filhos, em que os primeiros tentam impor talvez sua autoridade, mas mal chegam a camuflar sua própria insegurança e insuficiência de argumentos diante de filhos que já têm escola e sabem coisas de que seus pais nunca ouviram falar.

Sem muita oportunidade de reorientação, e educados no rigor inflexível da estabilidade "tradicional" os adultos são os primeiros a falar que estão "avacalhando a religião" e que "a gente não entende mais nada". Doutro lado, a própria diversidade de opiniões e atitudes do clero atual e sua virada bastante brusca em relação ao catolicismo prático do povo não constituem os instrumentos mais seguros de apoio a um laicato que foi criado ainda no ambiente do "padre bravo" e "padre mandão", na base da obediência (com jeito) e do calar a boca.

Os tentáculos desta crise estão presos à história da formação do catolicismo como sistema explicativo global da existência humana no campo (12). Num estilo de preto e branco que força a realidade complexa, mas também cria maior clareza, este catolicismo rural pode ser entendido como uma medalha de duas faces, unidas entre si, mas cada uma com traços próprios: o catolicismo familiar, de casa e vizinhança, de rezas, cantos, ofícios e pouca endoutrinação, de devoções aos santos da preferência e às almas dos defuntos, informal, liderados por leigos, a do-

na de casa, a rezadeira, o sacristão, o benzedor, ligado a festas e de intensa ebulição na hora do aperto, produzindo promessas, penitências e romarias, e o catolicismo clerical, doutrinário, disciplinado, de instrução, pregação, sermão, prática, catecismo, centrado na capela ou matriz, mantido e dominado pelo clero que funciona como peça central nos acontecimentos eclesiásticos de batismos, crisma, casamento, missa, confissão, comunhão, festa do padroeiro, Semana Santa, santas missões. Pela falta do clero e conseqüente esvaziamento pastoral, o primeiro tipo muitas vezes foi o que garantia a transmissão religiosa pelo clima social de práticas, costumes e linguagem que criava ao redor das crianças, automaticamente acompanhando os pais e os vizinhos no modo de falar, viver e interpretar o mundo comum e os acontecimentos que nele aconteciam de vida e morte.

Na convivência campesina em que a religião católica dominante se misturava com as demais áreas da atividade humana pela linguagem popular, bênçãos, rezas, procissões para pedir chuva e penitências para aplacar o castigo de Deus, também a catequese não considerava os catequizandos num formalismo abstrato como aqueles que precisam saber mais religião em perguntas e respostas. Em função do homem e sua sociedade rural, tanto a necessidade de conhecer a verdade da fé interessava, quanto as necessidades culturais sentidas na época.

O catecismo antigo ou cartilha era uma espécie de Mobral católico-cultural que tanto falava dos artigos da fé e dos mandamentos de Deus e da Igreja, quanto de eclipses, tabuada das quatro operações, medidas, pesos, dados geográficos e caligrafia. Com este instrumento, o padre, no interior, ensinava os adultos, cuja salvação dependia dos sacramentos que ele administrava e dos julgamentos morais e regras de comportamento que ele ditava no desempenho de seu papel de consciência pública. Até hoje ainda, o povo rural pergunta ao padre isso ou aquilo é pecado ou, mais interessante, foi pecado, na mais completa objetivação e submissão de seus atos à decisão clerical, equilibradas apenas pelo famoso jetinho de quem aprendeu a viver sob pressão.

Este esquema catequético está em franco declínio. A abertura para o mundo maior pelas estradas, viagens e meios sociais de comunicação trouxe uma oferta de outras opções e estilos de vida que formam novidades para o sistema tradicional e fazem concorrência, sem muito alarde, ao padrão herdado do comportamento rural. Se as primeiras infiltrações de crentes no interior ainda podiam motivar um grupo de marianos a pedir licença ao Sr. Vigário para incendiar o "templo" deles, hoje em dia tanto as seitas protestantes quanto as várias formas de espiritismo possuem bastante liberdade de movimentação no mercado religioso. A opinião de que "todas as religiões são boas" não é mais monopólio da cidade liberal.

Independentemente do que se podia chamar o auto-despojamento do poder da parte de certo clero, o próprio processo da transformação rural tem reduzido o lugar central do

padre que era o ministro único de Deus, a consciência moral ambulante e o homem de cultura no campo. Também a tradição familiar começou a sofrer seu desgaste na zona rural pela perda ou mudança de suas funções "originais" e pela influência da escola e da renovação técnica e cultural que supõem uma outra interpretação do homem e seu mundo do que a visão implícita do catolicismo popular transmitia. No processo da modernização do mundo rural, os dois canais clássicos de transmissão religiosa entram numa fase de desvalorização endêmica diante do impacto do novo mundo, suas expectativas de bem-estar, segurança, conforto, felicidade e suas responsabilidades humanas.

Sob o manto duma sociedade de consumo com seus muitos artigos a comprar por bom dinheiro e duma economia capitalista de produção, baseada em técnica, financiamento, fertilizantes, inseticidas e máquinas, estão mudando principalmente a situação e a autoconsciência do povo a catequizar. A transformação em curso cria problemas novos que as gerações anteriores não conheciam em sua forma e intensidade atuais, ou de que ainda não se conscientizaram: problemas de exploração de trabalhadores rurais com suas famílias, de posseiros expulsos, de minifúndio, de frustração diante do desequilíbrio entre ofertas sedutoras do mercado e o próprio poder aquisitivo, de marginalização política, de subnutrição crônica, de falta de recursos para consultar um médico, um dentista, de novo estilo de namorar, de comportamento da mulher, de formação escolar dos filhos, de terra para trabalhar.

Exigências e imposições novas de fora, sindicatos, cooperativas, impostos, fiscalização, bancos que não perdoam nada, órgãos de assistência, aposentadoria, são todos fatores que quebram o ritmo original e bastante pacato do camponês em seu pequeno mundo de cada dia. O êxodo rural e a migração para novas áreas de colonização jogam as famílias rurais fora de seu habitat social, onde se apoiavam e confiavam em sua rede de amizades, no sistema de patronagem e na composição estável das coisas em seu redor. O baldaquino celeste e o código moral com que o povo rural aprendeu a equilibrar-se na vida, muitas vezes dura, supunham um sistema familiar e social e uma estrutura de poder que hoje em dia estão parcialmente ultrapassados ou em mudança, repercutindo na própria religião e moral estabelecidas.

Com isso, o homem mesmo muda de posição dentro do universo social e religioso. O esquema de representar este universo existencial é, que nele os camponeses transpõem seus problemas para o plano sobrenatural através de práticas que em geral expressam o medo, a repressão e a impotência (13). A explicação de tudo estaria no triângulo: Deus, diabo, santo, todos os três vistos a partir duma situação de dependência, na perspectiva do patrão e proprietário das terras; o resto é submissão e resignação. No entanto, para dois lados verifica-se uma mudança. No plano social, o trabalhador rural começa a entender que onde antigamente se falava de falta de sorte, paciência e "Jesus também sofreu muito", quanto catecismo antigo en-

dossa a estrutura "divina" de ricos e pobres? —, os fatos se explicam melhor em termos de direitos, leis trabalhistas, benefícios de sindicatos, política e, doutro lado, de injustiças, exploração da parte dos homens que talvez sejam intocáveis em seu poder, mas não são mais "absolvidos" por práticas religiosas ou protegidos pela vontade de Deus.

No plano religioso, a imagem vertical do Deus-faz-tudo em cima e do homem-aceita-tudo em baixo se está transformando pela valorização da iniciativa e da ação dos homens mesmos. Um novo senso de responsabilidade humana está brotando, em que os camponeses se juntam para defender seus direitos e assumem trabalhos e mutirões comunitários para melhorar e reformar suas condições de vida e promover sua dignidade de "gente", apesar das resistências do velho sistema de poder. As novas idéias do Concílio Vaticano II, suas transposições para a América Latina e o Brasil e certas formas de comunidade eclesial de base ajudaram a formar uma outra imagem do povo catequizando, cujo interesse não se restringe ao "salva tua alma" das antigas missões populares, mas apresenta gente de carne e ossos, aqui e agora, situada no contexto histórico de determinadas estruturas econômicas e culturais, com seus direitos e capacidades de viver e construir uma sociedade humana tal que já apresente algum esboço do novo século (14).

Catequese não é um acontecimento sem cor ou forma num planeta neutro qualquer, mas uma comunicação entre pessoas concretas nas coordenadas reais do tempo e espaço em que ambas se encontram. Talvez a teologia da paróquia de Karl Rahner não seja um sucesso para a paróquia; de qualquer maneira deixou claro, que até a Eucaristia para onde a catequese conduz está situada no espaço de determinado lugar e no tempo de determinada hora e é celebrada e realizada por determinadas pessoas que não são outras do que elas mesmas, com suas posições e necessidades de libertação (15).

2.3. A mensagem da catequese

Evidentemente esta mensagem deve ser evangélica, católica e carimbada pela cultura e linguagem dos que estão envolvidos no processo catequético. O caráter teoricamente óbvio desta afirmação, porém, não é capaz de esconder a diversificação qualitativa dos instrumentos de trabalho à disposição dos catequistas nem a variação de tomadas de posição, neles apresentadas. Desde a última edição da Cartilha ou Compêndio da Doutrina Cristã de 1954, foram produzidos no Brasil, para a utilidade do povo rural, vários livrinhos de oração, meditação, devoções, novenas e cantos, textos de culto dominical, planos de aula de religião, popularizações dos documentos do Concílio Vaticano II, preparação para primeira comunhão, cursos de batismo, de casamento, de líderes rurais, além dos muitos programas de radioemissoras entre as quais a Rádio Aparecida deve ter a maior audiência no campo (16). Nesta literatura, originalidade e repetição, linguagem popular e linguagem erudita, complexidade de composição e estrutura simples, maior ou

menor adaptação ao meio ambiente se misturam. Apesar da grande variação de produtos catequéticos o total é ainda bastante limitado em comparação com a produtividade urbana e com as necessidades de alimentação e renovação religiosa do homem do campo.

O "slogan" de Mc Luhan do que o meio é a mensagem contém bastante força sugestiva para entender, que o conteúdo da mensagem não possui uma existência autônoma, pois sempre está como que pendurada entre o catequista e os meios de comunicação que usa e os catequizandos com seus meios de audição e receptividade. A mensagem pode ser preciosa e bela, o catequista entusiasta e incansável, mas já no tempo de São Paulo, o jovem Eutiques, sentado na janela dum edifício, adormeceu durante o longo sermão e caiu do terceiro andar (17).

Na época de Sant'Agostinho, o diácono Deogratias, apesar de sua fecunda capacidade de catequizar e a solidez de sua fé, ficava angustiado procurando a maneira exata de ensinar a "doutrina que, pela fé nos torna cristãos". O bispo de Hipona respondeu com um tratado clássico sobre a instrução das pessoas que são ignorantes na fé, mas de boa vontade. Em sua resposta, afirma: "Posso eu mesmo testemunhar que me impressiono diferentemente ao ver diante de mim para serem catequizados o erudito, o tímido, o cidadão, o estrangeiro, o rico, o pobre, o civil, o magistrado, o poderoso, o representante desta ou daquela família, desta ou daquela idade, ou sexo, desta ou daquela seita, provindo deste ou daquele erro vulgar. É de acordo com a diversidade de meu sentimento que o meu comentário brota, se desenvolve e termina. Apesar de que a mesma caridade se deve a todos, a todos não se aplica o mesmo remédio: assim também, a mesma caridade gera a uns, torna-se fraca em relação a outros, procura edificar a uns, teme ferir a outros; inclina-se diante de uns, ergue-se diante de outros; com uns carinhosa, com outros severa, de nenhum inimiga, de todos é mãe" (18).

Neste jogo de vai-vém é, que a mensagem se estrutura e recebe sua forma concreta na comunicação entre catequista e público. Que mútuo conhecimento, confiança e convivência são fatores favoráveis, quiçá necessários, para este jogo se desenvolver com eficiência, a experiência das comunidades eclesiais de base prova de maneira satisfatória. O que vale para toda percepção e toda relação social, verifica-se também na catequese: o lugar e a posição de cada um dos participantes do processo condicionam o resultado final da comunicação.

As pessoas concretas em sua configuração encarnada, sócio-cultural, que se encontram no papel de catequista e catequizando marcam a forma da mensagem evangélica e sua eficácia libertadora. Uma certa intuição deste condicionamento, o povo rural tradicionalmente a tem, quando procura Nossa Senhora em Aparecida do Norte para pagar a promessa, embora a imagem dela esteja também na capela de seu povoado, e procura não um padre qual-

quer, mas o padre santo para pedir a bênção. Isolada de seu contexto humano, intersubjetivo e real-concreto em que se formou e que se realiza pela comunicação catequética de aqui e agora, a mensagem pode manter um alto grau de abstração e dar a impressão duma universalidade neutra e dum espiritualismo voador, que não tem nada a ver com o homem espiritual de São Paulo (19).

Diante do auditório do povo, atento e de olhos fixos nele, Jesus segundo o evangelho de Lucas afirma: Hoje se cumpre a profecia de Isaías que diz: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para levar a boa nova aos pobres, anunciar aos cativos a libertação e aos cegos a restauração da vista, dar liberdade aos oprimidos, proclamar o ano da graça do Senhor (20). O resto de evangelho, a cura de possessos, doentes, leprosos, a pesca milagrosa, a tempestade que virou bonança, o perdão da pecadora já que mostrou muito amor, a promessa ao bom ladrão demonstram, como Jesus visa os homens todos em todas as suas necessidades, sejam elas chamadas fome, doença, pobreza, marginalização, medo, escravidão, pecado ou morte. E o resumo está na história do paralítico de cura e liberdade de andar: perdoados estão teus pecados, e levanta-te, toma tua cama e vai para casa (21).

O homem todo está sob o sinal da vida, do pecado e da libertação (22). Mateus sintetiza de sua maneira a práxis de Jesus na resposta que ele deu à impaciência de João Batista: cegos recobram a vista e coxos andam; leprosos são curados e surdos ouvem; mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres (23). O homem todo é valor. Toda a constelação que os homens mantêm, em que vivem, mandam, sofrem, de que participam ou em que estão marginalizados, interessa; pouco importa, se seu nome é economia, cultura, política ou religião. Não há limites para o processo da libertação que Cristo começou pela sua vida e ressurreição da morte; nem ilhas de monopólio ou cercas de poder em que sua força não há de penetrar. Aquele que, em seu despojamento de pobre, assumiu todo o humano, exceto o pecado, veio para libertar todos os homens de tudo quanto há de pecado, novo e velho, simples ou acumulado na história. A conversão a este mistério da libertação total, já iniciada, começa no coração, mas se irradia sobre toda a forma histórica social concreta da existência humana neste mundo, até suas raízes e fronteiras (24).

Na roça o povo sabe: Vaqueiro é homem que pega o boi pelo chifre. Qual deve ser o conteúdo da catequese rural na atualidade brasileira? Mesmo em tempos mais pacatos, o conteúdo da mensagem implicava opções e tomadas de posição de quem falava, fazia planos de aula ou escrevia textos. A produção catequética moderna mostra esta implicação muito mais pela variação de ângulos e pontos de vista seletivos com que a Bíblia e a Tradição são lidas e interpretadas, cada um encontrando argumentos para racionalizar sua posição. Assumir todas as posições é impossível e dá, ao máximo, a aparência falsa de irenismo

confortável e desobrigado que não funciona, pois neutralidade é pecado de omissão num mundo humano dividido, cheio de lutas e antagonismos no campo da religião, moral e da política.

Um catequista não pode rezar pela cartilha de todas as correntes que vivem entre o povo de Deus e tem sua representação no episcopado. A providência divina e a atividade responsável humana, o Filho de Deus e o Filho do homem, o céu e o inferno, pecado e perdão, Eucaristia e devoções, oração e trabalho, comunidade eclesial e salvação pessoal, Igreja e mundo econômico-político, paz e luta, catolicismo e as demais religiões ou mundivisões, são ingredientes que entram em qualquer confissão e práxis da vida cristã, mas sua dosagem e mistura são diferentes, tanto no catolicismo popular, quanto nas evoluções pós-conciliares (25). Na composição da mensagem, o catequista faz opções, seleciona formas e cores, como qualquer artista faz.

Na formação da mensagem viva, não só o catequista entra com sua interpretação. Em vez de bancar o único mestre e reduzir os outros a um rebanho de ignorantes, atrasados e incompetentes, a sinceridade obriga a reconhecer o muito de autenticidade, de fé experimentada no sofrimento, de boa vontade, de virtude no sentido de força, coragem de viver, de esperança incrível, que vive no coração do povo rural. No intercâmbio que forma o conteúdo, esta riqueza, às vezes rude como a pedra do garimpo, se manifesta cada vez que, antes de tomar a palavra, o catequista observa o que os outros fazem, escuta o que os outros comunicam, aceita o que os outros explicam de seu comportamento e de seu modo de ver e viver a vida.

Assim, pela troca comunitária em mútua abertura, apresenta-se a modéstia de não tomar facilmente a palavra "a Igreja" na boca, para rotular seus próprios pontos de vista com uma autoridade que estes não possuem. Que maturidade de cristão inclui necessariamente um bom senso crítico para com o dinamismo vivo da Igreja e do mundo e os acontecimentos que se produzem cada dia ao redor do fiel-cidadão, é uma tese de grata aceitação, como se fosse um disco popular na crista da moda. O que menos convence e constitui arte mais difícil a praticar é a auto-crítica que nega seu próprio "establishment" e sai, cada vez de novo, do ponto em que chegou, porque ainda não atingiu o fim, esquece o que fica para trás e corre para frente, conforme o simbolismo que São Paulo usou da vitalidade cristã (26). O catequista é um aprendiz.

3. A santa "paciência"

Como catequista ajudar no processo de crescimento na fé do povo rural é aprender, em primeiro lugar, a paciência deles. "É graças a esta sua "paciência" que o povo ainda existe, e que ele continua a lutar para não morrer de fome e para sobreviver nos filhos. Se ele não tivesse esta paciência, tão criticada e até menosprezada por alguns de nós que sabemos das coisas, nós mesmos já não teríamos povo para nele cri-

ticar esta religiosidade passiva, pois o povo já teria entregue os pontos e já não existiria; nós mesmos, que somos filhos deste povo, talvez nem teríamos nascido" (27).

Esta paciência do povo rural engana, porque sugere o burrinho que, de cabeça baixa e quietinho, deixa o temporal passar. Mas é teimosia que não cede; é coragem que agüenta mão; é perseverança que não entrega os pontos. A palavra "hupomoné" do texto original grego de Rom 15, 4-5 foi traduzida no latim da Vulgata por "paciência"; a tradução moderna portuguesa de Ave Maria traduz uma vez: paciência, e outra vez: perseverança; a tradução ecumênica de Taizé-Herder usa ambas as vezes; perseverança. Perseverança é o nome e a difícil práxis.

Todavia, se a paciência falhar um momento, surgirá a pergunta, como espinho na garganta: o que a catequese faz com os bóias-frias que não tem mais vínculo estável com o povo rural nem se integram na cidade, mas cairam como o caboclo em Fordlândia entre o cais e a canoa?

NOTAS

1. As fronteiras entre catequese e evangelização são tão vagas que uma distinção nítida não é muito funcional. Cf. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil,** São Paulo, 1975, 56. 2. Flp 2, 1-4. 3. Flp 2, 13. 4. 1 Pdr 3, 15. 5. Ef 1, 17-23. 6. O assunto das comunidades eclesiais de base, como centros de catequese não é aprofundado nesta análise, porque é conhecido por muita literatura. Cf. **Comunidades Eclesiais de Base,** organizado por Afonso Gregory, Petrópolis, 1973. SEDOC 9 (1976) 95-96. 7. Lumen Gentium, 10. 8. Mt 23, 4. 9. Veja 1 Pdr 2, 4-9; Ef 4, 16. 10. Henri Holstein, SJ, **Tradition catéchétique,** Catéchese, nº 66 (1977) 29-45. 11. 1 Cor 13, 11. 12. Para a literatura sobre o catolicismo popular basta lembrar os nomes de Thales de Azevedo, Eduardo Hoornaert, José Comblin, Francisco Rolim, Pedro Ribeiro de Oliveira, etc. Do autor: **Catolicismo popular e mundo rural,** Vozes, no prelo. 13. Antônio Fausto Neto, **Incomunicação Rural, dependência e fatalismo, ordem e desordem,** UCMG, Belo Horizonte, nº 6 (1976) 36. 14. Gaudium et Spes, 39. 15. Karl Rahner em Die Pfarre, Freiburg, 1956, 27-40. 16. Entre as muitas publicações sejam mencionados os nove **Cadernos de Catequese Rural,** Divinópolis, Gráfica Santo Antônio. **Cristãos no meio rural, formação cristã para líderes,** Vozes, Petrópolis, 1975. 17. AA 20, 7-12. 18. Santo Agostinho, **A Instrução dos catecúmenos,** Petrópolis, 1973, 34-67. 19. Veja Rom 8, 1-17. 20. Lc 4, 16-21. 21. Lc 5, 17-26. 22. Rom 1-8 e Gál. 23. Mt 11, 2-5. 24. Hoje em dia estas idéias podem ser encontradas por muito lado, mas sua repetição é necessária porque só muitas sementes enchem um campo inteiro com a esperança de uma boa colheita "se São Pedro ajudar". Cf. Leonardo Boff com ampla literatura; J. B. Libânio e o livrinho precioso de Mateus Rocha, OP, **Projeto de vida radical,** Petrópolis, 1977. 25. Esta ladainha da pluriformidade pode continuar para o lado da moral: sistema econômico, política, regime de governo, salário do operariado, sexo, divórcio, censura, sociedade de classes, propriedade particular e estatal, na situação concreta brasileira. Na diplomacia talvez seja válida a resposta: nem a favor nem contra; muito pelo contrário, mas catequese não é neutra para ficar fora da jogada. 26. Flp 3, 12-14. 27. Carlos Mesters, **Seis dias nos porões da humanidade,** Petrópolis, 1977, 114. O livrinho todo vale uma meditação no contexto da catequese rural.

LIVROS NOVOS para Você ler

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: POLÍTICA OU PROFETISMO? Padre Alphonso Garcia Rubio, CSSR. Edições Loyola, São Paulo. Ano 1977. Páginas 288.

Como subtítulo desta obra se lê: VISÃO PANORÂMICA E CRÍTICA DA TEOLOGIA POLÍTICA LATINO-AMERICANA. É o terceiro volume da **Coleção Fé e Realidade** das Edições Loyola. O primeiro foi O MISTÉRIO DE DEUS NA NOSSA VIDA do Pe. Mário da França Miranda, SJ. O segundo foi ARGUMENTO MORAL E ABORTO do Pe. Márcio Fabri dos Anjos. Esta coleção pretende englobar obras de pesquisa, feitas em ordem à promoção acadêmica ou escritas por pessoas dedicadas à investigação no campo do pensamento cristão. Donde seu cunho de seriedade e de exatidão científica.

O **Pe. H. C. Lima Vaz, SJ,** apresentando esta obra escreve:

"A repercussão que a chamada "teologia da libertação" vem alcançando nos meios teológicos europeus pode surpreender. É, aparentemente, a primeira vez que um movimento teológico parte da periferia e atinge o centro geográfico-cultural da Igreja, o espaço mediterrâneo-europeu, terra nativa do próprio cristianismo e das teologias que vêm florescendo no seu tronco bimilenar. Trata-se de um fenômeno que merece atenção. Revelará acaso a sensibilidade de algumas correntes da teologia européia para os problemas das igrejas distantes, ou será o início de uma exaustão de seus temas clássicos, uma impossibilidade de renovar-se ou a sedução do exótico que atinge os pensamentos em decadência? São questões que se levantam à margem da atual voga européia de uma teologia que se pretende especificamente latino-americano e às quais será preciso responder mais cedo ou mais tarde.

"Por outro lado, a teologia da libertação se apresenta como a primeira forma de pensamento teológico que procede decididamente do profano ao sagrado ou da história à revelação, remontando um caminho milenarmente consagrado na epistemologia teológica.

"Estas duas características — identidade latino-americana e inversão do esquema teológico tradicional — definem suficientemente a originalidade

da teologia da libertação dentro do pensamento cristão contemporâneo. Mas elas precisam ser devidamente relativizadas. Se é verdade que a vaga da teologia da libertação parte da América Latina e atinge a Europa, trata-se de um estilo de pensamento inconfundivelmente europeu: pelos elementos conceptuais que utiliza, pelas categorias fundamentais que regem o desenvolvimento do seu discurso e pelo tipo de análise político-social ou com o qual a teologia da libertação busca dar conteúdo ao seu **theologoúmenon** inspirador, ou seja, à idéia mesma de libertação.

"O fato de que esta análise se deixe seduzir freqüentemente por instrumentos e métodos da análise marxista, é mais uma prova do caráter ocidental-europeu da teologia da libertação. Mesmo admitindo que a teologia da libertação radicalize a inversão do esquema teológico tradicional, é necessário conceder que, ainda aqui, ela procede de uma típica linhagem européia de teologias recentes: da história, das realidades terrestres, do mundo, teologias políticas e teologias da esperança.

"Não obstante, a originalidade da teologia da libertação parece inegável e é justificada a preocupação de muitos de seus cultores em marcar as distâncias com relação aos tipos de pensamento dominantes na matriz européia do pensamento teológico. Definir esta originalidade, guardando ao mesmo tempo a referência ao universal teológico e à tematização da particularidade latino-americana, de tal sorte que a passagem do particular histórico ao universal teológico se dê em virtude de uma específica inteligibilidade teológica dessa realidade que acontece no aqui e agora da América Latina e não através da justaposição arbitrária e extrinsecista de análises político-sociais e de discursos teológicos elaborados em outros tempos e lugares, eis a tarefa maior que se apresenta à teologia da libertação.

"Os anos 60 e os primeiros anos 70 assistiram à maré crescente da produção teológica latino-americana que acabou por encontrar sua forma peculiar na teologia da libertação. Esta fase corresponde a uma conjuntura histórica na qual a possibilidade de transformações político-sociais profundas no continente parecia cristalizar-se em projetos viáveis.

"No momento atual, em que a aliança militar-tecnocrática bloqueia, na maioria dos países da América Latina, os caminhos possíveis de uma libertação político-social de conteúdo popular, estaremos assistindo já ao refluxo da teologia da libertação? Os escritos recentes dos teólogos mais representativos dessa corrente assinalam uma preocupação crescente com os problemas de método, o que é indício certo de que a pressuposição de um caminho desimpedido da teoria à prática aparece sujeita a contestações e dúvidas. A fase programática da teologia da libertação cede lugar à fase crítica.

"Pela riqueza de informação, pela clareza e equilíbrio da exposição, pelo balanço crítico final, a tese de Alphonso Garcia Rubio é uma decisiva contribuição brasileira a esta crítica sobre si mesma que a teologia da libertação nas suas variadas formas passa a en-

frentar e que será determinante para o seu destino futuro na vida das igrejas da América Latina".

PROJETO DE VIDA RADICAL, Frei Mateus Rocha, OP. Editora Vozes, Petrópolis. Ano 1977. Páginas 96.

O cerne deste livro é suscitar um debate franco e realmente crítico sobre a **vida religiosa** tal como foi institucionalizada, ensinada e praticada em suas várias formas pelas Ordens e Instituições religiosas católicas, dos tempos remotos do cristianismo até hoje. Quanto à temática geral, talvez não se encontre nada de novo. A colocação dos problemas referentes à ambientação da vida religiosa na realidade atual e suas crientações para o futuro é que apresenta aspectos decididamente novos e radicais.

Qual é o sentido da vida religiosa hoje? Viver exclusivamente para Deus ou dedicar-se totalmente ao serviço dos homens, por amor a Deus? Segregar-se do mundo real, em busca de uma perfeição espiritual individualista, ou encarnar-se na realidade mundana, assumindo as lutas humanas, vivendo até as últimas conseqüências a mensagem evangélica de Cristo? Viver nas trilhas religiosas da tradição ou buscar formas novas de espiritualidade mais rente ao nosso chão latino-americano?

Estes debates, encarados pelo autor, de maneira decidida e radical, talvez despertem de um lado, outras tantas polêmicas por parte dos tradicionalistas e, de outro, também vivas alegrias em quantos lutam e esperam por uma renovação religiosa decididamente evangélica.

PAIXÃO DE CRISTO, PAIXÃO DO MUNDO, Frei Leonardo Boff, OFM. Editora Vozes, Petrópolis. Ano 1977. Páginas 172.

Subtítulo da obra: OS FATOS, AS INTERPRETAÇÕES E O SIGNIFICADO ONTEM E HOJE. Pelas palavras iniciais do autor, declara-se a natureza especial desta obra que, pelo tratamento da matéria, assume um típico caráter de ensaio. Tomando como base o enredo dos fatos históricos e a doutrina teológica da vida de Jesus, Frei Leonardo Boff efetua **uma exploração sobre o significado da Cruz** de Nosso Senhor Jesus Cristo para o contexto atual de nossa fé e de nossa situação.

Fixados os postulados fundamentais e definidos pelo dogma cristológico, Jesus Deus-Homem, o autor expressa as razões de sua preferência em insistir na busca dos significados insondáveis e profundamente envolventes da humanidade de Cristo, em sua vivência histórica e realidade profética. "Nossa opção de fundo implica conseqüências de ordem exegética e dogmática. Irá influenciar nossa postura diante da forma de conceber a consciência messiânica de Jesus, de sua atitude face à morte, de sua progressiva apropriação da vontade de Deus, entre tateamentos e provações".

Com este ensaio, rico de pensamento novo e original, sobre a paixão de Cristo, o autor se propõe ajudar aqueles que procuram conferir um sentido para a paixão e o sofrimento do mundo e, quem sabe, despertar em muitos forças insuspeitadas de resistência e de ressurreição.

Senhor,
que semeaste as estrelas
no firmamento;
que largaste as aves
no espaço,
os peixes no oceano,
as flores no campo
e distribuíste os homens na terra...
que eu veja
em todas estas maravilhas
o toque de tua ARTE SUPREMA,
a SENSIBILIDADE DE TEU CORAÇÃO
e a SÍNTESE DE TEU AMOR.

Amém.